

HABITAT E ASPECTOS VÁRIOS DA VIDA CUANHAMA: A CASA

A MEMÓRIA DO MEU MESTRE,
O PROFESSOR JORGE DIAS,
A QUEM MUITO DEVO ⁽¹⁾

I. HABITAT E ASPECTOS VÁRIOS DA VIDA CUANHAMA

Como sucede inúmeras vezes, o mesmo termo designa uma região e a principal população que nela habita; é o que se dá com a palavra *Cuanhama*, que designa parte de uma área bem caracterizada e a tribo mais importante que nela vive.

Situa-se essa região no Sul de Angola e norte do Sudoeste Africano, sendo cortada a meio pelo paralelo 17° S, entre Ruacaná e Cuangar; limita-se, grosseiramente, entre os paralelos 16° 30' e 17° 30' de latitude sul.

Quase igualmente distante do Cunene, que desagua no Atlântico, e do Cubango, que corre para o lago Ngami, o território ocupado pela tribo cuanhama acantona-se entre os meridianos 15° e 16° de longitude 0 Gr.

É uma superfície monotonamente plana, pertencente à «bacia endorreica do Cuanhama», no dizer de MARIANO FEIO ⁽²⁾. A suave ondulação da sucessão repetida de *chanas (osana)* ⁽³⁾

⁽¹⁾ Agradeço ao Professor LÍDIO DO AMARAL as sugestões feitas para este trabalho.

Estou grato ao Professor VIEGAS GUERREIRO pelos conselhos e cuidado posto na crítica.

E justo é, ainda, pôr em realce a vária ajuda que me deu minha mulher.

⁽²⁾ «A evolução do relevo da bacia endorreica do Cuanhama», pp. 47 e seguintes.

⁽³⁾ A ortografia que uso para os termos nativos necessita de uma nota. Mas como ela teria de ser extensa e a sua ausência não prejudica os aspectos etnológicos e geográfico deste artigo, reservo-a para publicação noutra lugar.

e *mufitos* (*omufitu*) ⁽⁴⁾ não tem fim, não tem um acidente; observada de cima de uma torre ou de um avião a baixa altura, é de uma platitude impressionante: até onde a vista alcança, a paisagem uniforme e plana não mostra mais que um tapete de copas esparsas, por vezes mais chegadas, formando pequenas matas abertas, próprias da savana, com espaços nus, sem uma árvore. A maior distinção de cotas, a quem percorre as estradas do Cuanhama, não está propriamente nos pequenos desníveis, mas nas consequências deles: as depressões, as *chanas*, sendo lugares onde se acumula a água, ou não têm arvoredos ou o têm em pequena quantidade e nos bordos; enquanto que as imperceptíveis elevações, os *mufitos*, como estão permanentemente fora de água, são revestidos de uma boa vegetação. Na *chana* vêem-se gramíneas, ciperáceas e ranunculáceas, ásperas plantas que o gado come com dificuldade; no *mufito*, ao contrário, além de uma boa variedade de plantas, há bom pasto para os animais.

Nos nateiros que são esses reservatórios de água de pouca altura, crescem, como já se referiu, várias gramíneas, ciperáceas e ranunculáceas. As folhas de algumas e os rizomas de muitas são apreciados como alimento para os inúmeros porcos que vagam, chafurdando e fossando, pelas margens das *chanas*. É a época em que estes animais saem da sua magreza habitual. O tipo de revestimento vegetal, de um ponto de vista geral, é um «bosque seco, decíduo, e mosaico de savana e estepe»; a espécie tipo é o *Colophospermum mopane*, embora se encontrem muitas outras, evidentemente ⁽⁵⁾.

A paisagem cuanhama pode definir-se com poucos elementos: uma superfície muito plana, constituída por areia; as áreas ligeira e imperceptivelmente mais elevadas são cobertas de savana aberta; as primeiras só têm vegetação herbácea, sem árvores; estas depressões, durante as chuvas, ficam alagadas: são as *chanas*, acidente típico desta paisagem.

⁽⁴⁾ É curioso observar o que escreve JOSÉ REDINHA quanto aos termos «tchana» (*tsana*) e «muchito» (*musitu*) na língua quioca. Fica claro que as definições que dou de «chana» (*osana*) e «mufito» (*omufitu*) dizem unicamente respeito à região cuanhama. Ver GRANDVAUX BARBOSA, *Carta Fitogeográfica de Angola*, pp. 85, 86 e 169.

⁽⁵⁾ *Carta Fitogeográfica de Angola*, de L. A. GRANDVAUX BARBOSA, pp. 195-197.

No que respeita à parte humana, vê-se, nas áreas mais habitadas, que esses pedaços mais elevados foram frequentemente despojados do seu revestimento arbóreo; em vez deste, abrangendo uns hectares, o terreno apresenta-se nu ou coberto de restolho de *massango*, na época seca, ou é uma seara de *massango*, de um verde tenro, na época das chuvas; a este *arimo*, o espaço onde se pratica a agricultura, chama-se em língua cuanhama *ongubo*. No meio, ergue-se um conjunto de construções encerradas por um cercado de paus-a-pique: é o *eumbo*, ou agregado familiar.

O solo é arenoso, com algumas camadas argilosas; por vezes, na profundidade, com sal. Não tem pedra; em Pereira de Eça (*Ondjiva*), quando necessária para a construção, vai-se buscar à Cahama, por exemplo, a cerca de 200 quilómetros do centro da área em questão. Em vários lugares encontra-se uma crosta calcária que, por vezes, se aproveita para a construção civil, depois de cortada em blocos paralelepípedicos.

O clima é seco, de grandes amplitudes térmicas; quente, de dia, especialmente na época das chuvas. Mas é frio, de noite, e muito na época do *cacimbo*.

Como todo o Sul de Angola, sofre com a proximidade das regiões áridas do Calahari. A precipitação, mesmo quando abundante, é diminuta (cerca de 1000 mm, no máximo), podendo chegar a valores muito baixos (270 mm). A irregularidade de uns anos para os outros, há que acrescentar a sua possível distribuição pelos três meses em que *deveria* cair, se fosse regular. De tal maneira essa irregularidade se faz sentir que as próprias gramíneas, o *capim* (gramíneas e outras plantas de pequeno porte) dos pastos, se pode ressentir, mesmo que caia uma porção razoável para a região. Para os humanos, quanto mais irregular for a precipitação, maiores probabilidades de fome; ao contrário, há anos em que chove pouco, mas em que a regularidade da precipitação, de acordo com as necessidades do cereal principal, proporciona época seca sem preocupações alimentares.

Desse conjunto de factores, topografia-solo-clima, resultam dois factos: um, a acumulação de água nas fracas depressões, as *chanas*, onde, na quadra das chuvas (nas épocas em que a precipitação não é diminuta), os animais bebem e chafurdam, e os humanos vão buscar água ou pescar; nas áreas

não inundáveis, a água some-se, infiltra-se pela areia; escorrência para a *chana*, só nas chuvadas boas, por vezes, bâtegas diluvianas que parecem subverter tudo, transformando completamente a paisagem, numa escassa hora!

Toda esta região carece de bastante água para fazer face à enorme evaporação que se produz à superfície das *chanas* (de grande extensão e pequena profundidade), e à infiltração rápida permitida pela natureza arenosa do solo.

Esta água de infiltração encontra-se a alguns metros abaixo da superfície; mas, por vezes, a grandes profundidades. Alcança-se com *cacimbas*, poços segundo o processo tradicional, ou com furos abertos por sondas. Na maioria dos casos, porém, a água não presta: é salobra.

Do conjunto de factores atrás apontados resulta ainda que o problema da água é o mais preocupante, no Cuanhama. Porque, mesmo para os humanos, é por vezes forçoso abrir penosamente profundas *cacimbas*, através da areia, para esperar, pacientemente, que mane um fio de água que, recolhida com uma caneca, vai enchendo cabaços; vai-se ao ponto de manter guarda, de noite, para que outros (que não os donos) não beneficiem do precioso líquido.

Numa região em que é apreciável o número de bovinos (os quais têm grandes necessidades de água), a carência de água chega a ser um flagelo: há pasto e falta a água. Anos há em que o gado que não foi, enquanto tinha forças, para a região do Chimporo (a nordeste do Cuanhama), sucumbe aos milhares, por falta de água. Nos poucos pontos em que esta existe, o pasto foi rapado há muito; e onde ele se mantém macio e de um belo amarelo acastanhado, de certeza, não há água!

Um processo regional contra esta carência é a construção de *chimpacas* (*simpaka*). No caso que se está considerando, *chimpaca* é uma escavação, com uns centos de metros quadrados de superfície e um a três de profundidade. Aberta numa depressão (*chana*), para ela convergem as águas que não se infiltraram na areia. Antigamente, isto é, antes da ocupação portuguesa e quando a autoridade do soba cuanhama era total, quem fizesse uso da água da *chimpaca* teria de tirar dela para fora uma certa porção de terra, para o que havia sempre uma vara que servia de medida. Tal quantidade, é

óbvio, variava com a quantidade de água utilizada. Assim, as *chimpacas* mantinham-se eficientes. A clássica dureza dos sobas cuanhamas não permitia abusos.

A *chana* é útil não só pela água que acumula, como ainda por ser uma fonte de proteínas animais: quando as águas começam a baixar, quase toda a gente, especialmente as mulheres, se dedica com entusiasmo à pesca. Apanham-se grandes quantidades de peixe que chegam até para secar. No começo das chuvas e enquanto elas duram, as *chanas* e áreas vizinhas contêm imensas rãs, de tamanho razoável, que não são desprezadas.

Nas águas das *chanas* vêm nadar milhares de palmípedes, desde pequenos patos a grandes *jandas* empertigadas (palmípedes do tamanho de gansos, mas de perna alta). Só os inúmeros ciconídeos é que não atraem o paladar humano.

No *mufito* domina uma formação vegetal intermédia entre a floresta e a savana, talvez tendendo mais para a última. Relativamente aberta, onde facilmente se anda, ou se abre caminho, é formada por muitas espécies, desde as humildes gramíneas já referidas, a árvores grandes. É no *mufito* que se encontram as gramíneas apetecidas pelo gado, «pastagens doces de muito boa qualidade»⁽⁶⁾.

Houve quem, num arroubo de entusiasmo, chamasse ao Cuanhama um jardim. Dando de barato o que há de exagero em tal afirmação, teremos de convir que há um fundo de verdade.

A sua platitude revestida de areia, as *chanas* plácidas que parecem lagos caprichosos e as suas árvores de fruto, por vezes de grandes copas, causam, ao entardecer, das mais agradáveis impressões. Mesmo aos olhos de um apaixonado das paisagens campestres da Europa, os largos espaços cuanhamas também são belos. Veja-se o entusiasmo com que escreveu o P.^o CARLOS DUPARQUET⁽⁷⁾.

Falou-se da variedade de árvores de fruto. Melhor se falaria alargando-se o sentido a todas as plantas que dão frutos comestíveis pelos homens e animais. A esses frutos

(6) GRANDVAUX BARBOSA, obra citada, p. 195.

(7) *Viagens na Címbebasia*, p. 124 e seguintes.

vão os Cuanhamas buscar vitaminas, açúcares, sais minerais, ácidos orgânicos e óleos vegetais de que necessitam. A título informativo (deixando o assunto aos especialistas, quando estes se lembrarem de trabalhar a realidade africana, preocupando-se menos com a introdução de espécies estrangeiras) referem-se algumas ⁽⁸⁾.

Nas margens dos *chanas* (e em qualquer lugar em que as raízes cheguem à água) cresce, vigorosa, uma das mais belas árvores de fruto: o *munhande*, ou munhandeiro, como lhe chamam, por vezes, os Europeus. Os Cuanhamas chamam-lhe, na sua língua, *eñandi*; os botânicos designam-no por *Diospyros mespeliformis* Hochst. De tronco erecto e escuro, tem uma fechada copa, muitas vezes redonda, de folhas lanceoladas, glabras, de um verde escuro e vivo. Na época seca, a partir de Junho, deixa cair inúmeros frutos esféricos, de um a dois centímetros de diâmetro, de cor cinzenta-acastanhada, doces. Apanham-se não só para se comerem frescos, como ainda para secar. E, depois de secos, tanto são utilizados como alimento, como ainda servem para fazer bebida alcoólica. No começo da época das chuvas, em Novembro, com as folhas todas de um amarelo vivo, são belos.

Uma nota de elegância vegetal é sempre dada pela palmeira. A designada por *ondunga* é uma palmeira leque, a *Hyphaene ventricosa* Kirk. A parte os entusiasmos que podem ver nessa planta uma utilidade total, a realidade é que os Cuanhamas, no geral, só lhe aproveitam a seiva, *malunga*, como bebida, o fruto para fazer também uma bebida e rara-

(8) Devo agradecer ao Sr. Eng.º Azancot de Menezes e ao seu colector, Sr. António Barroso, informações de Botânica que tiveram a bondade de me prestar, no que respeita às árvores de fruto espontâneas.

Cabe prevenir aqui, de que será um pouco extensa (embora longe de esgotar o assunto) a referência à flora, porque há a crença de que o «mato» africano é pobre em produtos úteis ao homem. A seguir, referem-se algumas plantas úteis espontâneas. Mas há mais. Outras, como é lógico, caíram em desuso perante plantas de maior rendimento; mas isso não significa a sua inutilidade. Parece que não é assim tão pobre; uma atitude sofisticada dos especialistas, aliada à comodidade, tem permitido que se insista continuamente na introdução de espécies estranhas, sem se tentar um esforço sério no sentido de aproveitar e melhorar as espécies indígenas. O mesmo raciocínio talvez se possa pôr para a fauna.

mente as folhas como cobertura rudimentar. Por vezes, depois de fazerem estalar a frágil e fina casca que envolve os frutos esféricos, de um castanho claro, mastigam e chupam o seu mesocarpo. É agradável, um tanto adocicado e levemente adstringente; mas, como se disse, este fruto é mais utilizado para fazer uma bebida fermentada, cor de capilé. Em épocas de fome, os rebentos e o miolo mais tenro do caule servem para alimentação, embora fraca.

Quem fala do Cuanhama, fala do *gongu*. Ou *omungongu*, *gongo*, ou *gongueiro*. Árvore de grande porte, de copa bastante aberta, de folhas compostas e belas, como as da alfarrobeira, cobrindo uma larga área que, nos exemplares maiores, pode chegar a abranger um círculo de uns 15 metros de raio. É o *Sclerocarya birrea* (A. Rich) Hochst., dos botânicos. Em Fevereiro, debaixo da copa desta árvore, o chão quase fica juncado de belos frutos maduros, semelhantes em tamanho e aparência às ameixas brancas, com uma cor entre verde pálido e amarelo canário. A uma pele fina segue-se uma polpa um tanto mucilaginosa, muito rica de um suco doce e levemente perfumado. Com pequena espessura (uns três ou quatro milímetros) envolve um caroço duro, o qual encerra entre uma a três saborosas amêndoas. Uma lei tradicional cuanhama ordenava que, na época do gongo, nenhum homem andasse armado! É que a época do gongo é período de euforia báquica: o suco abundante do seu fruto, ficando a fermentar por dois ou três dias, dá uma bebida alcoólica. Como este fruto se produz em grande quantidade, conclui-se que há bastante bebida que proporciona exaltação fácil nos orgulhosos e faladores Cuanhamas!

Porém os caroços são, talvez, mais desejados pelas mulheres: quebrada a forte casca envolvente e que adere às amêndoas, estas são tiradas com um forte estilete de ferro, aguçado. Desta amêndoa, que é de agradável sabor, extraem um óleo fino, usado na alimentação; o bagaço que fica no pilão é muito agradável ao paladar.

Outra árvore, mas de porte mais gracioso e delicado, é o *embe*, que dá o vulgar e bem conhecido *nombe*, palavra adaptada da língua do Humbe. É o *Phyllogeiton discolor* (Klotzch) Herzog dos botânicos. Quase não há quem tenha passado a sua meninice no Sul de Angola que não conheça

o *nombre*. São pequenos frutos, pouco maiores que as mais pequenas malaguetas (*jindungo* ou *píri-píri*), de uma cor avermelhada de velho Porto, quando secos. Com grande caroço sobrecomprido, pouco tem de comer, em cada um; a vantagem está na quantidade! Doces e aromáticos, em secos, são-no menos e um tanto adstringentes, quando caem da árvore, altura em que a sua cor é de um amarelo pálido. Só depois de secos são aproveitados, quer para comer, como se fossem pequenas tâmaras, quer para ferver durante algum tempo e deixar fermentar o decocto.

Embora um pouco mais pequena, confunde-se, no porte, com o *gongo*, uma outra bela árvore do Cuanhama, o *omunhete*, na língua da região; mas a folha digitada facilmente tira dúvidas. Os botânicos chamam-lhe *Ricinodendron rautanenni* Schinz. O fruto é mais pequeno que uma ameixa (talvez como uma nêspera grande), do formato de uma bola de *rugby*. Casca fina e delicada, com uma polpa pouco espessa e grande caroço; embora um pouco adocicado, não é procurado pelos humanos, senão para lhe aproveitarem as amêndoas que se encontram soltas dentro de um forte caroço periforme. Essas amêndoas dão óleo comestível como as do gongo (°).

Árvore de pequeno porte, o *omomi* é o vulgar «maboque» que se encontra em qualquer altitude e em vários ambientes do Sul de Angola, o *Strychnos cocculoides* Bak., dos botânicos. O fruto parece uma laranja de casca muito dura, dentro da qual se encontra uma polpa cinzenta-escura, bastante doce e acidulada. Essa polpa, que envolve as sementes, tem consistência fibrosa e mucilaginosa e contém bastante suco. É comido fresco (melhor se dirá chupado), depois de se quebrar a dura casca, à custa de fortes pancadas. É delicioso.

Uma outra árvore de grande porte, um tanto desgracioso e de copa bastante aberta, é o *mukuyú*, na língua cuanhama. Este nome, no Sul de Angola, é aplicado a várias espécies do mesmo género, *Ficus*. A que se está considerando é o *Ficus gnaphalocarpa* A. Rich., dos botânicos. No princípio do ano, os seus ramos deixam cair uma grande porção de pequenos figos, pouco doces, de pouco aroma, um tanto insípidos, mas

que são aproveitados, especialmente por animais. Os humanos pouco os comem, aproveitando-os para fazer bebida alcoólica.

Indicaram-se algumas das principais plantas frutíferas do Cuanhama. Há que referir ainda duas plantas anuais espontâneas que, no princípio das chuvas, proporcionam um bom alimento verde. Uma delas é o *mbidzi* em língua cuanhama, ou o *mungu*, como é chamado nos Gambos; os botânicos designam-na por *Jynandropsis gynandra* (L.) Brig. O seu porte não vai além de 50 centímetros de altura, com folha de limbo elegantemente digitado. Nasce especialmente nos terrenos de lavoura. A outra planta é de uma família que conta grande número de espécies por toda Angola: a das *Amarantáceas*, a que pertencem as «cristas-de-galo» dos jardins europeus. Dado o facto de serem comestíveis as espécies angolanas, e serem tão difíceis de especificar como fácil de identificar o género, só se indica este: *Amaranthus* sp.

Vê-se como é relativamente rica a flora cuanhama em espécies úteis ao homem. E fica-se longe de esgotar a série.

Embora sem utilidade quanto a frutos, convém indicar ainda o *mufyati*, *Colophospermum mopane* (Kirk ex Benth.) Kirk ex J. Léon, o vulgar *mutyati* do Sul de Angola. A sua utilidade consiste em fornecer bons paus para construções. Dá troncos que, no comum, não vão além de 30 centímetros de diâmetro, mais ou menos direitos, de uma madeira dura que é também boa lenha. O *mutaku*, *Entandrophragma eckbergioides* (Hercus) Sprague, é outra árvore de boa madeira; mas esta espécie, pelo seu porte e por os troncos se manteremãos nos indivíduos de grande porte (ao contrário do *mufyati*), permite a obtenção de tabuado. As sementes do *mutaku* ainda permitem a obtenção de um óleo claro e fino que se usa como cosmético. O *murilahonde*, *Pterocarpus angolensis* DC., também é útil por proporcionar madeira de muito boa qualidade e grande beleza.

Neste bosquejo rápido do ambiente cuanhama, depois de se ter tratado da flora, cumpre dizer algo da fauna. Já atrás foi referida a pesca nas *chanas*. Por mais insólito que o facto pareça, é notável a quantidade de peixe que, todos os anos, ou melhor, sempre que se deposita água nas *chanas*, se

(°) Acerca do valor alimentício do fruto do *omunhete*, veja-se *Carta Fitogeográfica de Angola*, de GRANDVAUX BARBOSA, p. 232.

apanha ⁽¹⁰⁾. É uma nota comum a todos os autores que se debruçam com alguma curiosidade sobre as coisas humanas do Cuanhama: a abundância de peixe que, inclusivamente, se pode apanhar com uma enxada, cavando na lama do fundo das *chanas*, quando a evaporação lhes esgota a água ⁽¹¹⁾. O normal é pescarem com massas, em operação de sondagem, ou com barragens que constroem nos percursos mais baixos que drenam a água de umas *chanas* para outras. Apanham-se silúridas e dipnóicos, às vezes de grande tamanho.

Da mesma forma e como já foi referido, as rãs são objecto de grande procura. No entanto, já o foram mais que hoje. Parece-me que actualmente já não se observa a procura de que foram alvo e de que fala CARLOS DUPARQUET ⁽¹²⁾.

Aliás, também a caça de mamíferos de certo tamanho, no Cuanhama, hoje, já não tem importância, ao contrário do que sucedeu no passado. Por outro lado, os animais de grande porte, como antílopes, zebra, girafa, elefante, etc., ou foram exterminados pelos caçadores ambiciosos e sem escrúpulos ou fugiram para lugares distantes, de acesso mais difícil, ou se refugiaram no parque do Etocha. Embora as pessoas tenham ao seu alcance, proporcionados pelo comércio, vários produtos alimentares dos quais se destacam as conservas de peixe e de carne, não fazem grande uso deles; os seus preços podem-se considerar módicos, pela facilidade em obter dinheiro com trabalho assalariado; finalmente, sendo cada vez maior a procura desse trabalho fora da terra cuanhama, quando se regressa, é-se mais solicitado a conversar e conviver que ir à caça.

De toda essa actividade piscatória e cinegética, só a pesca conservou o que se afigura o vigor e o entusiasmo dos tempos passados. Este facto parece ser consequência de a pesca ser exercida só pelas mulheres que, praticamente, «se conservaram em casa», ao contrário do homem; ou de não ter havido alteração profunda no ambiente aquático ainda

⁽¹⁰⁾ É evidente que nunca possibilitará quantidades para exploração industrial. Mas, se não houver qualquer alteração do ambiente actual, continuará a proporcionar às pessoas uma fonte de proteínas animais de apreciável importância.

⁽¹¹⁾ Ver ALFREDO KEILING, *Cuanhama*, p. 155.

⁽¹²⁾ *Viagens na Cimbebásia*, p. 133.

hoje farto de peixe. Julgo que só é válida a primeira razão, dado que ainda há imensas rãs e aves de lagoa mas que já se não procuram com o antigo afã.

Actualmente, vemos que, das antigas actividades da tribo cuanhama, se mantêm as que importam às mulheres: cultivar a lavra de cereais, com algumas leguminosas e cucurbitáceas, trabalho doméstico (farinar o cereal, buscar água e lenha, cozinhar, além de cuidar da casa e dos filhos), recolha de frutos espontâneos e pesca.

As actividades dos homens é que mudaram bastante. Uma das principais sofreu um rude golpe e desapareceu a seguir ao início da ocupação europeia: as incursões de rapina nas tribos vizinhas.

Em consequência dessas razias gerava-se uma desconfiança entre as tribos, a qual provocava uma rarefacção na ocupação humana, um vazio por faixas, separando-as umas das outras. CHARLES DUPARQUET diz que essas tribos «são sempre cercadas por uma floresta, que as separara, floresta desabitada, embora o seu solo seja tão fértil como o restante, e duma tal extensão que são precisos ordinariamente dois ou três dias para as atravessar de carro» (boer) ⁽¹³⁾. CHARLES ESTERMANN também se refere a essas faixas. Só cerca de meio século após a dominação do Cuanhama é que as populações das várias tribos começaram a ocupar essas «terras de ninguém». A «Chana das Palmeiras», entre o Cuamato e o Cuanhama (na estrada Roçadas-Pereira de Eça), foi facilmente ocupada por concessões para a criação de gado porque ainda estava quase vazia de gente, cerca de 1970, não obstante os Cuamatos e os Cuanhamas já lidarem com confiança, chegando até a casarem entre si.

Ainda hoje se pode ouvir falar da tradição de os Cuanhamas se atacarem, de surpresa, uns aos outros: atacavam *eumbos* de desconhecidos a alguns quilómetros de distância. Dizem que o seu último soba antes da ocupação europeia, Mandume ⁽¹⁴⁾, proibira tal norma. Julgo que ainda se vai

⁽¹³⁾ Cf. *Viagens na Cimbebásia*, p. 150.

⁽¹⁴⁾ É curioso como à volta da figura de Mandume, o último soba antes da ocupação europeia, se teceu uma auréola de quase herói. Várias

encontrar a prova daquele proceder no facto de todos os agregados apresentarem aspecto fortificado e não só os da borda da terra cuanhama. O início das razias organizadas contra povos vizinhos deve ser de origem mais recente que o da constituição do *eumbo* e provavelmente coincide com uma maior coesão do grupo, assim como com o fim do hábito de se assaltarem uns aos outros, de que, como se disse, se encontra ainda algum eco.

Os primeiros Europeus que visitaram o Cuanhama, cerca do meado do século passado, já encontraram bem institucionalizado o hábito da rapina, por razias bem organizadas que atacavam de surpresa. BROCHADO, em 1850, registava marcas de organização neste sentido ⁽¹⁵⁾. Este tipo de guerra, a razia, não devia diminuir muito o número de homens, por duas razões que se põem como hipótese e que parecem válidas: uma é que poucos homens deviam morrer, já que atacavam de surpresa e recuavam perante uma resistência firme; a outra é que muitos indivíduos das terras raziaadas (especialmente crianças) eram absorvidos pela sociedade cuanhama.

Era dessas razias que a tribo cuanhama tirava largos proveitos, directamente, pelos gados de que se apropriava e, indirectamente, pelas pessoas que cativava; estas, ou eram resgatadas pelos parentes, ou eram (caso, em especial, das crianças) assimiladas pela gente cuanhama, ou ficavam sempre como escravos. Para que essas sortidas produzissem efeito, era necessário que provocassem grande medo: só a palavra «cuanhama» era meia vitória; parece que cedo o compreenderam e exploraram bem. De resto, actuavam por pequenos grupos e de surpresa. Nessas incursões de rapina, a parte principal cabia ao soba: metade da pilhagem ⁽¹⁶⁾.

normas que se observa serem consequência do progresso da sociedade cuanhama são, ingenuamente, atribuídas a Mandume, quando já existiam antes dele. O que não impede, é evidente, que se considere aquele soba como dotado de uma personalidade vigorosa.

⁽¹⁵⁾ BERNARDINO JOSÉ MACHADO, *Descrição das terras do Humbe, Camba, Mulondo, Cuanhama e outras*, etc., p. 193.

⁽¹⁶⁾ Não se deve olhar com grandes preconceitos para este facto. Muitos outros povos fizeram da pilhagem uma actividade nobre e importante. Quanto aos Cuanhamas, deve notar-se ainda que, no princípio do século XX, se eles eram os de maior nomeada, não eram os

É evidente que a essa cíclica actividade só se dedicava uma pequena fracção da tribo; mas acabaria por ocupar bastantes mais nos preparativos, na sequência do regresso, nas conversas, etc. O prestígio e as vantagens que dava aos seus participantes, e à tribo em geral, faz que se deva considerar uma actividade importante. Tanto mais que, entre as tribos do Sul de Angola, era a única a exercê-la com regularidade.

Parece ter sido devido a este importante afluxo de gado que os Cuanhamas passaram a possuí-lo. Mas como o fornecimento era produzido e mantido de forma artificial, sem o acervo de conhecimentos, cuidados e paciência que exige a pastorícia, o homem cuanhama, mesmo com as imposições dos seus sobas, era (e é) mau pastor. As manadas mantêm-se porque o ambiente um tanto seco é propício ao gado.

Em parte, como confirmação disto, há o facto de nos relatos referentes ao Cuanhama, especialmente na viragem do século, se fazerem constantes referências aos cavalos. Eu próprio vi, em 1938, quando da visita do Presidente da República Portuguesa a Moçâmedes, umas boas dezenas de cavaleiros cuanhama que ali foram para o cumprimentar. Ainda era vulgar, nesse tempo, encontrar cavalos no Cuanhama. Hoje são raridade. A explicação que dão para tal desaparecimento é que «morreram só». Mas não é difícil concluir que um mau criador de gado bovino ainda o seja pior de cavalos, animais mais delicados.

Nos cuidados que têm com o gado só há a destacar a transumância que, na época seca, leva a maior parte dos animais para o Chimpopo, região onde não falta água nem pasto. Como terá nascido essa norma, ou com quem a teriam aprendido? Não se sabe; já BROCHADO, no meado do século passado, se lhe refere.

Sendo, de certo modo, um luxo de que tiram bastante proveito, o gado (grosso e miúdo) não é o principal sustento da economia doméstica cuanhama. Nem sequer tem a importância que possui entre Humbes e Quilengues, para não falar em Cuvaes e Himbas. A economia doméstica cuanhama

únicos que se dedicavam a tal ocupação. Outros povos havia, dentro e fora de Angola, que também raziaavam; incluindo europeus, sob pretextos vários.

assenta essencialmente na terra, na lavra que a mulher trabalha.

Uma outra actividade dos homens cuanhama que, ocupando um número relativamente pequeno, também foi importante para a tribo, era a de irrem às minas de ferro, situadas mais a norte, extrair o metal, reduzindo o minério em pequenos formos, com carvão de madeira ⁽¹⁷⁾. A ocupação europeia, no seu início, facilitou essa tarefa, já que a segurança geral dispensava os cuidados necessários com tais expedições em terra estranha. Mas, depois, possibilitando a aquisição de objectos de ferro, em quantidade e por preços muito mais baixos, fez com que se extinguísse não só a procura e extracção do metal, como até a actividade de ferreiro.

Como já se referiu, o solo cuanhama é areia; um tanto solta, facilmente se cava ou se revolve; é um solo de cor clara, quase branca; só nos lugares em que o *salalé* ⁽¹⁸⁾ trouxe do subsolo a argila que lá encontrou é que a areia tem uma coloração diferente: avermelhada ou cinzenta carregada. Sendo de areia e muito plano, tem uma grande capacidade de absorver água.

A agricultura tradicional é feita pela mulher, à enxada; o homem derruba, de início, o mato, poupando as árvores de fruto e construindo a vedação, à volta. Modernamente, a charrua puxada por bois vai-se difundindo no Cuanhama; neste caso, a lavra é feita pelo homem, que pega na rabiça, servindo-lhe a mulher de simples ajudante. Uma vez lavrado o solo, o restante trabalho pertence à mulher.

A lavra de cereais não conhece rotação, nem pousio: sempre as mesmas espécies, nos mesmos campos que se estendem à volta do agregado familiar. O facto de o *ongubo* ter, por vezes, uma pequena área sem cultura, pode levar a pensar que ela se destina a pousio; coberta de *capim*, onde se pode lançar o gado, conduz ao raciocínio de que ficou reservada a pastagem. Pura coincidência. Não foi agricultada por acaso, porque a zona agricultada já chegava; quanto ao

pasto, a sua exiguidade mostra a impossibilidade de servir de reserva de pastos.

Julgo que dada a pouca exigência do cereal cultivado, o facto de a agricultura ainda ser, em grande parte, feita à enxada e ainda a platitude e natureza franca e esbranquiçada do solo, este pode conservar a sua mediocre fertilidade. Mas ponho sérias dúvidas se a introdução da charrua, rasgando mais profundamente e virando a leiva, não vai contribuir para o empobrecimento da terra. Porque a mulher, com a clássica enxada africana, simplesmente revolve o ponto em que vai colocar as sementes; nada mais. E é o bastante, porque a terra arenosa permite que as raízes penetrem facilmente no solo.

Como na agricultura de muitos outros povos, a praticada tradicionalmente no Cuanhama assentava e assenta num cereal, cucurbitáceas e leguminosas.

Embora também cultivem a *massambala*, o *Sorghum caffrorum*, Beauv. ⁽¹⁹⁾, cuidam especialmente do *massango*, *Pennisetum* sp., das quais as que importam parece serem a *P. albicauda* Stapf & Hubbard e *P. echinurus* forma *angusta* Stapf & Hubbard ⁽²⁰⁾, que constitui a base da alimentação cuanhama. O *massango* é uma planta especializada: pouco exigente quanto à fertilidade do solo e à frequência das chuvas, requer solo franco, calor e monda, e é perfeitamente adaptado aos terrenos de areia, de chuvas irregulares. De grande produção e com um ciclo vegetativo muito rápido, permite, dentro de certa medida, fazer face à irregularidade das chuvas. É o cereal que mais resiste aos insectos. Por outro lado, parece que é o de maior poder alimentício, embora o achem pesado as pessoas não habituadas a ele. É, verdadeiramente, o «camelo» dos cereais.

A *massambala* é da variedade vermelha e utilizada para fazer bebida, uma espécie de cerveja, pouco alcoólica, agradável e refrescante. Também se pode comer, cozendo-a simplesmente com água, o que é raro.

⁽¹⁷⁾ Ver *Les Forgerons Kwanyama*, de CHARLES ESTERMANN.

⁽¹⁸⁾ *Salalé* em Angola, *muchen* em Moçambique, *baga-baga* na Guiné: designações gerais de que cada uma delas abrange várias espécies de térmitas.

⁽¹⁹⁾ Ver JOHN GOSSWEILER, *Nomes indígenas das plantas de Angola*, p. 522.

⁽²⁰⁾ *Idem*, *id.* pp. 545 e 546.

O *massango* (*omahangu* na língua da região) é um cereal que raramente se come cozido, inteiro. O quotidiano é fari-narem-no e fazerem com ele o *pirão*, a clássica massa cozida, em água sem sal, de qualquer farinha. Também a farinha de *massango* entra na produção de um tipo de cerveja, espessa, tipo de caldo grosso, que constitui uma bebida alimentícia muito popular no Cuanhama: a *brolunga*.

Além destas plantas ainda cultivam várias de cucurbitáceas; algumas são tradicionais, plantas rústicas que nascem quase espontaneamente, crescem sem cuidados de maior e produzem um número avultado de pequenos frutos (volume de um a três litros), quase insípidos, com muita semente; outras, embora se note uma degenerescência grande, não devem ser indígenas, mas introduzidas. As primeiras, de polpa esbranquiçada, são utilizadas quase exclusivamente na alimentação dos porcos; os humanos podem aproveitar as sementes. As segundas são exclusivamente para alimentação dos humanos, sendo raro darem-nas aos animais; são maiores, mais delicadas, com paladar agradável, em regra amarelas por dentro. As primeiras devem pertencer ao género a que pertence a melancia: todo o seu interior está cheio de polpa, encontrando-se as sementes disseminadas por ela; ao contrário das segundas, que têm um espaço vazio, no meio ⁽²¹⁾.

Cultivam também leguminosas. Duas delas são tradicionais. Uma, o clássico *makunde*, semelhante ao «feijão frade» ou «feijão careto»; simplesmente a cutícula não é plissada; é lisa, de cores escuras, pintalgadas, variadas. A outra é o *Voandzeia subterranea* que, tendo a parte vegetativa acima da superfície do solo, é abaixo dela que cria os frutos, tal como acontece com o amendoim, ou *jinguba*. Estas são as principais, muito especialmente o *makunde*; tão importante

⁽²¹⁾ As primeiras devem ser do género *Citrullus*, talvez da espécie *vulgaris*; as segundas provavelmente são variedades da espécie *Cucurbita maxima*. (Ver GOSSWEILER, *Nomes indígenas das plantas de Angola*, respectivamente, pp. 276 e 178). Veja-se também o que escreveu CHARLES DUPARQUET, *Viagens na Cimbebéasia*, p. 106; o facto de há cerca de um século se comerem estes «melões cafres» (e acharem que cozidos dão «uma espécie de compota um pouco açucarada e muito agradável!»...) e hoje não, indica alteração de hábitos alimentares.

é que deu o nome a uma terra próxima da fronteira sul: Namacunde ⁽²²⁾.

Além destas leguminosas ainda cultivam outras, introduzidas e não indígenas; mas em pequena escala, porque são plantas mais delicadas, mais exigentes em quantidade e regularidade de precipitação, o maior problema da agricultura do Cuanhama.

Já se falou em duas plantas espontâneas (*mbidzi* e *lombwa*) que as pessoas utilizam na alimentação. Pode-se juntar a rama do feijão (quando nova), tanto do *macunde* como das espécies introduzidas e as folhas das abóboras (*omatanga*) introduzidas. Todos estes produtos são consumidos cozinhados numa espécie de esparregado, adubado com sal e óleo de *gongo*.

Há quem afirme que a actividade agrícola é bastante reduzida e de mera subsistência, sendo encarada apenas como um complemento da pastorícia.

Parece-me que os factos são um tanto diferentes. A experiência demonstra-me o contrário, embora não tenham sido feitos inquéritos de confronto das duas actividades.

Se observarmos a vida diária e familiar do *eumbo* cuanhama, vemos que a alimentação assenta, essencialmente, no seguinte:

— ao longo do dia, em qualquer altura que apeteça, mesmo só como refrigerante, bebe-se uma *brolunga* espessa que tem como elemento principal o *massango*;

— a refeição principal do dia tem, como fundamental, o *pirão* de *massango*;

— o conduto deste, na maioria dos casos, é feito de produtos vegetais e com óleos também vegetais;

— os produtos vegetais espontâneos também têm importância, embora bastante menor (frutos, etc.);

— os alimentos de origem animal são em quantidade apreciável: o peixe fresco ou seco, apanhado nas *chanas*; em

⁽²²⁾ Acerca do feijão *makunde* veja-se FICALHO, *Plantas úteis da Africa Portuguesa*, 2.^a ed., p. 139 e GOSSWEILER, *Nomes indígenas das plantas de Angola*, p. 210 [*Vigna unguiculata* (L.) Walp.]. Sobre o *Voandzeia subterranea*, também FICALHO, ob. e p. cit., e GOSSWEILER, ob. cit., p. 210.

muito menor porção, o seco adquirido no comércio; ainda menos, quaisquer conservas, que gostam de consumir;

— o leite existe em pequena quantidade e, especialmente, enquanto há pasto e água nas proximidades; o que quer dizer que falta na maior parte do ano;

— os Cuanhamas não abatem gado apenas para comer; só o fazem para quaisquer cerimónias, ou consomem o que morre, principalmente por sede e fome.

Por outro lado, ainda, em anos em que não falta a chuva, o *arimo* à volta do *eumbo* produz não só para o consumo diário obrigatório da ementa cuanhama, como ainda para armazenar nos celeiros que são tão típicos, na região; guarda-se para os maus anos agrícolas, que podem seguir-se uns aos outros; as reservas durarão, provavelmente, para três ou quatro anos. No caso de não haver secas, ou melhor, no caso de haver abundância de *massango*, vendem o mais antigo, que substituem por grão mais recente. O comprador, geralmente, é o Europeu que o utilizará na engorda de porcos, de mistura com abóboras indígenas.

Portanto, a base da alimentação cuanhama é de produtos agrícolas, embora não variados, o que é importante; num povo essencialmente de pastores, seria o leite; é o que se verifica, por exemplo, entre os Cuvaes; nestes é que a agricultura constitui um complemento.

Pelo exposto conclui-se que a agricultura é não só o principal sustentáculo da alimentação cuanhama, como da economia doméstica. Nem a pobreza referida, nem a abundância, por vezes apregoada (23). Uma confirmação etnológica das conclusões apresentadas parece ser a importância da mulher cuanhama.

A gente que constitui a tribo Cuanhãma é alta, elegante, bem proporcionada. Aprumados e limpos, orgulhosos e atrevidos, hospitaleiros e simpáticos; as mulheres são muito vistosas, alegres e acolhedoras, trabalhadeiras e provocantes.

(23) Ver este entusiasmo, por exemplo, no artigo «A região do Cuamato-Cuanhama, etc.», de ROMA MACHADO, in *Boletim Geral das Colónias*, n.º 19, pp. 74-75.

Uma nota curiosa é a clássica honestidade cuanhama. Povo que ainda recorda com saudade o tempo anterior a Pereira de Eça, o tempo em que o Cuanhama fazia tremer as populações vizinhas e as rapinava como bem entendia, esta gente pode ser deixada num estabelecimento aberto que não tira seja o que for (24).

Homens e mulheres cortam o cabelo muito curto, sendo que as últimas até o rapam. Adoram a cor vermelha e determinados tipos de missanga, que usam com profusão.

È, das tribos do Sul de Angola, a que mostra maior facilidade para adoptar alguns costumes europeus, especialmente no que respeita a vestuário e utilização de maquinismos. Isto tem feito com que, de forma muito ligeira, vários europeus tenham considerado os Cuanhamas como uma tribo mais inteligente que as outras. No entanto, no que diz respeito a alguns elementos culturais, são mais apegados; e de uma forma tal que esse facto parece brigar com a lógica mais simples e o mais elementar bom senso!

Uma convivência, mesmo de poucas horas, põe o visitante perante um outro aspecto em que a gente cuanhama se destaca, agora na parte social: a poliginia (25).

Ter uma só esposa não dá prestígio, e nem duas; admiração e respeito vêm de ter mais. Só o homem de posses pode arcar com as despesas de arranjar várias esposas (especialmente se é o primeiro casamento dessas mulheres); só o homem ambicioso, trabalhador e um tanto bafejado pela sorte, se propõe assumir as responsabilidades que lhe cabem, entre as quais estão desbravar e vedar os campos de cultura e arranjar acomodações para todas as esposas. Mas não se pense que é só a posse de avultados bens que faz surgir a

(24) Cabem aqui, talvez, duas observações um tanto irónicas. Uma é a atribuída ao último soba cuanhama, Mandume: «Os Portugueses receiam os Cuanhamas, como os Alemães os Hereros!» A outra é que, nisso de os Cuanhamas serem individualmente honestos e entregarem-se em grupo à pilhagem de populações mais fracas, têm companhia ilustre!

(25) O facto de muitos etnólogos (quase exclusivamente pertencentes à cultura europeia) não conseguirem «olhar» para as culturas estranhas à sua, abstraindo dos valores morais em que foram criados, leva-me a tecer algumas considerações sobre um aspecto que me parece fundamental na sociedade cuanhama, embora não seja esse o tema deste estudo.

ideia de ter mais esposas, como se juntasse, por essa forma, objectos de luxo.

Parece um erro afirmar-se que é só a posse de muitos bens que leva a ter mais esposas. Por três razões. Uma é que, se fosse esse o móbil principal, não se verificaria o conselho, e muitas vezes até a pressão da primeira esposa, para que o marido arranje mais esposas. A segunda razão é que nem sempre é necessário ter grande poder de compra para possuir mais esposas. Na sociedade cuanhama, o que custa uma soma razoável (mas não exagerada) é «muficar» uma rapariga, isto é, casar com uma mulher que o faça pela primeira vez; porque se a mulher for viúva ou divorciada (desde que relativamente nova e trabalhadeira), não há grandes despesas a fazer. Em terceiro lugar, porque há sociedades em que existe essa capacidade de obtenção de mais esposas, mas nem por isso ela se verifica. É o caso da sociedade cuvale, por exemplo. Nesta, além das despesas menores que o homem suporta, este ainda terá de entregar à família da futura mulher dez cabeças de gado bovino. São muitos os homens que podem, portanto, ter mais de uma esposa, mas tal não sucede; uma, é o comum. Entre os Cuvaes, a economia doméstica, praticamente, não se enriquece com mais mulheres, já que assenta quase exclusivamente no gado.

O facto de, na sociedade cuanhama, o padrão ideal consistir em o homem procurar ter mais de uma esposa poderá fazer pensar que só o homem tem valor e que a mulher o não tem. Mas não é assim: a mulher tem grande valor na sociedade cuanhama, goza de amplos direitos e tem grande liberdade.

É o factor económico que junta estas características que parecem antagónicas. A mulher ainda é o principal apoio da economia doméstica cuanhama; daí a sua importância, daí a sua liberdade. E quantas mais mulheres existirem numa casa, melhor para a sua estabilidade económico-alimentar; daí, que se procure ter o maior número, o que lhe aumenta o valor.

Claro que se pensamos que o número de homens deve ser igual ou aproximado ao de mulheres (visto que não há o possível factor diminuidor do de homens que era a guerra), e se a poliginia é tão generalizada como afirmo, levanta-se

imediatamente o problema: teoricamente, terá de haver muitos homens que ficam solteiros porque não há mulheres disponíveis.

Mas se pensarmos que, praticamente, é tradicional cada homem passar uns anos fora (nas minas do Sudoeste Africano ou alhures), que as mulheres ficam na terra, e dada a liberdade sexual, temos talvez uma maneira de as coisas se equilibrarem, na realidade.

Dessa equilibrada importância de valor entre o homem e a mulher resulta uma grande mobilidade conjugal. Aliás, isso é muito mais vulgar do que se pensa, na maioria das sociedades verdadeiramente africanas, isto é, aquelas que não foram cristianizadas, nem islamizadas.

A poliginia tem para o povo cuanhama ainda uma outra vantagem social. Como nesta sociedade também é o homem que procura a mulher, e uma vez que a maior parte dos homens está longe de ter o número de mulheres que os satisfaça, todas as mulheres casam.

Vemos, assim, que na sociedade tradicional cuanhama a importância da mulher pode verificar-se facilmente por três factos: a sua participação na economia do agregado familiar; a grande mobilidade conjugal, sendo muito fácil uma mulher divorciada voltar a casar; a relativa liberdade sexual, desde que se mantenha o decoro.

Provavelmente o hábito da *razia* poderá ter, nalguns casos, contribuído para incrementar a poliginia, já que alguns homens morreriam na guerra, necessariamente novos; e as suas esposas (no caso de já serem casados) seriam aproveitadas por outros.

* * *

Se a platitude e as *chanas* são elementos naturais que chamam vivamente a atenção de quem penetra no Cuanhama, no que diz respeito à acção humana saltam à vista os campos de cultura, no meio dos quais se levanta o agregado habitacional.

Actualmente, vários aspectos chamam a atenção de quem visita a casa cuanhama, em território angolano.

Estas últimas palavras necessitam de uma explicação: a casa (e a vida) cuanhama em território angolano mantém-se

mais apegada ao modelo tradicional que no território do Sudoeste Africano ⁽²⁶⁾.

A estrutura ⁽²⁷⁾ da «casa cuanhama», por um lado, é fácil de apreender: quem já a observou uma vez, logo refere o seu aspecto exterior de fortificação, a configuração labiríntica dos corredores, o individualismo de cada recinto, etc. Por outro, essa mesma complexa estrutura faz com que, nas descrições (e, especialmente, nos esboços) se cometam não só bastantes inexactidões de pormenor, como, por vezes, se chega mesmo a ofender a estrutura geral do agregado e o seu funcionamento.

É difícil, sem levantamento directo do agregado, representá-lo com fidelidade: as alterações que involuntariamente se lhe introduzem e os pormenores que se podem perder são vários.

A primeira nota a impressionar é o tamanho, a área abrangida pelo total das construções; e maior é essa impressão quando se sabe que cada agregado corresponde a uma família. Na época seca, depois de recolhidas as espigas de massango e pastados os restolhos, mais se destaca ainda a casa cuanhama, no meio dos campos nus.

Fere igualmente a atenção o seu aspecto de fortificação, toda cercada, numa extensa circunferência, de paus grossos, colocados a pique, muitas vezes com a extremidade superior aguçada. A entrada estreita tem o acesso dificultado pela existência de uma forquilha que se destina a impedir a penetração dos bovinos.

Dentro, a casa cuanhama ainda apresenta várias peculiaridades. Assim, cada pessoa ocupa uma célula do agregado,

⁽²⁶⁾ Duas razões se podem pôr para este facto. A primeira é que a área cuanhama pertence principalmente a Angola: a sua maior extensão é em Angola, todos os lugares que evocam prestígio na história dos Cuanhamas se situam aqui; uma pequena expansão na direcção do sul, depois de 1915, não só não teve grande valor, como provavelmente mudaram os indivíduos menos apegados à tradição e mais desembaraçados; disto resulta uma possibilidade fraca de as casas cuanhamas do Sudoeste manterem as características tradicionais. A segunda razão é uma influência maior dos Sul-africanos brancos, nos costumes cuanhamas, do que a dos Portugueses.

⁽²⁷⁾ *Estrutura*, aqui não tem mais que o sentido chão e vulgar da palavra: disposição e ordem das partes de uma construção.

do qual se separa por paliçada alta e forte, embora menor que a envolvente do conjunto. A comunicação entre as várias células individuais, entre si e com o exterior, faz-se através de inúmeros corredores, com uma feição labiríntica e que faz perder-se quem não conhece o conjunto. É vulgar escrever-se que só não se perde quem é da casa ou a conhece bem. Não é bem assim. Só se perde quem não conhece a estrutura da casa cuanhama em geral, ou não tiver entrado em muitas. Porque a estrutura das construções e a forma como as pessoas se arrumam nelas são constantes. Como se verá neste trabalho.

Vê-se ainda um espaço aberto, circular, também envolvido por paus altos e fortes, no centro do conjunto.

Cada célula individual destaca-se (além da nota individualista atrás referida de ocupar um recinto fechado) por ser formada por quatro a seis pequenas cabanas baixas, de forma circular, de paus relativamente baixos e finos, com uma cobertura de colmo, cónica. Impressiona a quase absoluta igualdade de dimensões destas construções. Podem existir ainda outras que se limitam ao tecto apoiado em forquilhas da altura de um homem, debaixo do qual se vêem bojudos canastros. Estes os principais aspectos do agregado habitacional cuanhama.

II. O AGREGADO

Para a construção do *eumbo* e preparação dos terrenos de lavra que o circundam, escolhe-se o *mufito*: já se escreveu que são áreas não inundáveis, cobertas de areia e mato, mas em que não haja barro; terra solta, franca, arenosa.

O homem corta o mato, derrubando todas as plantas excepto as árvores que dão frutos. Estas são respeitadas.

Os ramos das árvores vão constituir as sebes da lavra. No entanto, como não chegam, é preciso ir cortar mais, especialmente espinhosos.

A cerca do *arima* ⁽²⁸⁾ cuanhama é a melhor que conheço: larga e alta, não é fácil a qualquer animal transpô-la, excepto

⁽²⁸⁾ Veja-se a nota 2 da página 13 da 2.^a edição de *Plantas úteis da África Portuguesa*, do CONDE DE FICALHO. Hoje, generaliza-se, em Angola, o termo *arimo*, que significa o terreno de lavra, desmatado, cercado por uma sebe e agricultado geralmente pela mulher.

ao elefante que, antigamente, se aproveitava do trabalho humano. Chama-se *ongubo* este terreno desmatado, vedado com ramos de árvores, especialmente de espinheiras, destinado às culturas e a abrigar, também, no seu interior, pessoas e animais domésticos; não tem bem o mesmo significado que o termo mais geral, em Angola, já referido, *arimo*.

A lavra de *massango*, à volta do agregado familiar, é uma extensão grosseiramente circular, no centro da qual se encontra o *eumbo*. Se o terreno não chega para os campos de cultura, haverá outro terreno agricultado, próximo do primeiro; mas não terá extensão igual, nem qualquer construção, salvo uma toska *mutala*, isto é, um estrado alto.

Esse terreno agricultado, à volta do *eumbo*, em regra, está dividido em duas partes: a metade sul pertence ao homem, a metade norte, às suas mulheres. Por vezes, o homem possuirá menos que metade, mas aproxima-se-lhe.

A mulher trata não só do seu pedaço individual mas também do do marido. Quando um homem tem várias mulheres, todas elas vão trabalhar na área deste. Cultivar e colher. Também no Cuanhama, assunto de enxada é assunto de mulher; o homem não a usa.

Limpo o terreno, é semeado «à coveta», isto é, cava-se uma pequena depressão, na qual se lançam uns bagos de *massango*; com o pé empurra-se a terra retirada, para tapar os grãos.

Quando o *massango* cresceu e tem cerca de um palmo de altura, é necessário mondá-lo, para o libertar de todas as outras plantas. Mais tarde, quando já tiver o dobro do tamanho, cerca de meio metro, segunda e última monda ajudá-lo-á a crescer melhor e a dar espiga.

Poucas outras plantas são permitidas com o *massango*: o *macunde*, e duas espécies de cucurbitáceas de origem africana: uma que parece melancia, *mungongu*, que é semeada, e outra que mais se parece com o «tsama melon» do Sul da África; esta é praticamente espontânea. Também semeiam as abóboras vulgares a que chamam *etanga* (pl. *omatanga*).

Outras plantas crescem entre o *massango*, livremente, depois da segunda monda, porque já não o prejudicarão. Além das vulgares beldroegas e uma espécie de amarantácea, *'lombwa*, há uma outra planta, muito abundante e muito

apreciada na alimentação: é o *'mbidzi*; já atrás referimos estas plantas.

A colheita também é feita pela mulher, que corta as espigas e as transporta para a eira que está junto do *eumbo*.

A eira é preparada em parte pelo homem e em parte pelas mulheres. É o homem que corta os paus e faz as *mutalas*, que as mulheres enchem com as espigas colhidas no campo, ficando separado o que é de cada uma das mulheres e o que é do homem. Mas é a mulher que prepara o chão da eira: limpa-o, varre-o, nivela-o e reveste-o de uma pasta feita de água e terra de *salalé* que, depois de seca, fica dura e lisa. É aí que as mulheres batem o cereal, para depois ser joeirado de alto, para o vento arrastar as palhas, caindo o grão em depressões pequenas.

Nos últimos tempos tem-se vindo a acentuar o uso da charrua de ferro, comprada no comércio com o europeu. Este instrumento é utilizado só pelo homem; a mulher limita-se a pegar na *piça* (tira de couro cru) atada aos cornos dos bois da junta da frente. Duas juntas, cangadas à maneira *boer*, são o bastante para puxar a charrua, neste terreno franco. Semear é fácil: deita-se a semente ao chão e, com o pé, empurra-se a terra para o cobrir.

O homem tem obrigação de lavrar o terreno necessário para as suas mulheres e para si. Mesmo neste terreno fácil, é um acréscimo de trabalho para o homem e uma diminuição do da mulher.

Como se disse, não há afolhamento nem pousio; nem esta agricultura é itinerante. Só quando o *eumbo* muda para lugar afastado do inicial é que poderá ser utilizada terra ainda virgem. Mas isto é raro; normalmente, quando o *eumbo* está velho, muda o sítio, mas para um ou dois centos de metros, dentro dos campos agricultados. E, pela morte do dono do agregado, é o filho mais velho que o herda. Desta forma, a exploração da terra continua.

Há quem afirme que o agregado é, periodicamente, mudado, dentro da grande cerca que limita a lavra, isto é, o *ongubo*. Esta mudança periódica, conjugada com a dos currais, reconstituiriam, assim, a fertilidade do solo. Mas o facto é que o *eumbo*, normalmente, está vários anos no mesmo lugar; fazem-se acrescentos, renovam-se cercas, substituem-se paus

e cobertura, consertam-se celeiros, sempre no mesmo lugar; inclusivamente, quando morre o dono do agregado, o filho mais velho herda o *eumbo* e este pode continuar no mesmo lugar. O agregado pode mudar de local, mas não há mudança regular, relacionada com a restituição da fertilidade à terra.

Uma adubação relativamente simples ajuda a manter a fertilidade do solo. Os currais que estão fora do agregado, vão mudando de lugar; mas nunca chegam a percorrer o campo todo, nem há uma ordem de deslocação. Por outro lado, quando há bastante estrume nos currais, pratica-se uma rudimentar distribuição pelos campos.

No entanto, os principais factores da relativa fertilidade do solo devem ser, por um lado, a sua natureza física e química: pobre de argila (no *mufito*) e rico de areia, mantém não só a possibilidade de penetração da água com os sais dissolvidos, como impede a formação de carapaças e o estalamento com gretas grandes; por outro lado, a planície, que é o Cuanhama, provoca uma escorrência pequena à água da chuva; escorrência que ainda é diminuída pela natureza areenta do solo. Julgo que se deve também ter em conta a cor clara dos terrenos de cultura: deve absorver menos calor e, por isso, menor perda de azoto. E há ainda a referir que o *massango*, a *massambala*, as cucurbitáceas cultivadas e o *macunde* se desenvolvem e dão fruto muito rapidamente, ficando o terreno livre na maior parte do ano. É certo que o gado que lhe lançam depois da colheita come a maior parte dos restolhos, mas ainda fica algum revestimento. Deve ser na natureza areenta que está a maior protecção do solo.

O abastecimento de água, em tempo normal, é feito em *cacimbas* próximas dos *eumbos*. Quando chove bem ou na estação seca a seguir a uma época de chuvas, uma pequena *cacimba*, próxima do *eumbo* e ainda dentro do *arimbo*, pode ser o bastante. Mas quando as chuvas são escassas, quando não chove o bastante e o flagelo da seca ameaça pessoas e animais, ou ainda em áreas, como Cafima, em que o nível freático está debaixo de uma espessa camada de areia, é preciso abrir *cacimbas* profundas, com um trabalho enorme, e aguardar com paciência que a água ressuma timidamente.

Por muito amigos ou solidários que sejam, os Cuanhamas constroem os seus *eumbos* separados uns dos outros, cada um no meio dos campos de cultura que lhe pertencem. Assim, por muito próximos que estejam, e mesmo que uma vedação de *arimo* sirva aos campos de dois *eumbos* vizinhos, estes encontram-se separados, afastados, pelo menos de duzentos metros, um do outro. Este ponto é regra: o *eumbo* no meio dos seus campos. Essa individualização e essa regra rígida estendem-se à estrutura da casa.

Esquemáticamente, o *eumbo* cuanhama pode considerar-se com a seguinte composição (tendo paliçada de paus-a-pique a separar todos os espaços): cercas de espinheiros; entradas; corredores; células individuais; área dos pilões; currais; instalações para o leite. Vejamos, também em esquema, cada uma destas classes de composição.

As cercas de espinheiros podem formar: alameda de entrada (*oluvanda*); corredores para o gado; currais secundários.

A entrada do agregado, sempre voltada para nascente, tem o nome de *oluvanda*. É um espaço direito e largo que liga com o caminho que atravessa os campos, do agregado até à periferia dos mesmos, directamente. Os seus lados são formados por uma espessa sebe de ramos de espinheiro. Dá passagem a pessoas e gados.

Nos agregados mais completos pode haver uma densa sebe de espinheiros que circunda e defende o *eumbo*, criando entre ela e a cintura exterior, de paus-a-pique, mais uns quantos espaços com funções bem definidas.

Depois da entrada já referida, *oluvanda*, e no sentido contrário ao do movimento dos ponteiros do relógio, um largo espaço (exteriormente constituído pela referida sebe de espinheiros) dá passagem franca aos animais: é o *omudingililo*. Este corredor liga ao curral dos bois, *ohambo yahove*, do qual se passa ao das vacas, *osunda*.

A comunicação da *oluvanda* para o interior do *eumbo*, só para pessoas, forma uma porta com ombreiras e padieira; esta porta chama-se *oñu* e tem características de ser venerada ⁽²⁹⁾. É construída, mesmo que não seja utilizada.

As entradas de um *eumbo*, segundo a importância que se lhes dá, podem classificar-se como principais (entrada formal, com pórtico, já referido, próxima do agregado; e entrada no próprio agregado) e secundária (geralmente, a sul do agregado, discreta, mas tão funcional como a entrada, a norte, no próprio agregado).

Os corredores podem ser separados em três classes, consoante as funções: corredores da entrada principal (com ou sem pátio de recepção); corredores servindo e separando os recintos individuais; corredores para o gado.

Célula individual (epata). — Geralmente, cada célula é um recinto bem definido; no caso do dono do agregado e no da primeira esposa, podem ter mais de um recinto. Pode-se encarar a célula individual de dois pontos de vista: o da posse ou usufruto e o da composição. Quanto ao primeiro, vê-se que há célula individual para o dono do agregado, para cada uma das suas esposas, para cada um dos filhos adultos (solteiros e casados) e para cada um dos restantes familiares adultos que vivem permanentemente no agregado. Do ponto de vista de composição, vemos que cada célula individual abrange: pátio de recepção, individual (adjacente à casa de dormir); casa de dormir (com ou sem pátio individual); arrecadações (uma ou mais construções); cozinhas (só onde há mulheres); urinol; celeiros (dentro e fora da célula individual); cobertos para sombra.

Convém ainda referir que os pátios de recepção são de três espécies: o pátio principal, o *olupale*, é o pátio maior do agregado, no centro do qual está, com casa própria (mas fora), com cavalete para os bucrâneos e um urinol, também fora; o pátio secundário, *epatalakola*, é o pátio de passagem,

⁽²⁹⁾ Prefiro usar a expressão «venerado», em vez de «sagrado», como é vulgar encontrar-se em relação a objectos com certo aspecto de respeito. «Venerado» quer dizer: «tratado com respeito e afeição, reverenciado, acatado, respeitado, tido em grande consideração» que não é o mesmo que «sagrado».

colocado no corredor da entrada principal; o pátio individual é o mais pequeno e encontra-se junto à casa de dormir.

Quanto às cozinhas, são sempre duas: uma para o bom tempo (o *cacimbo*) e outra para o tempo da chuva.

Os currais, quanto à sua integração no *eumbo* e, ao mesmo tempo, quanto a funções, podem ser:

— principais (integrados no agregado; para vacas e para vitelos); secundários (junto ou próximo do agregado, mas não fazendo parte dele; são para os bovinos comuns; para cabras; para porcos); estrados (*mutala*) para galinhas.

A seguir se verá, em pormenor, cada um dos constituintes.

No *eumbo*, cada pessoa adulta, com função no conjunto, tem o seu terreno próprio, a sua área privativa, bem delimitada: *epata*. Acima desse individualismo, mas só como autoridade geral, está o dono do agregado: o *omweneumbo*. Claro que também ele tem a sua área primitiva.

Cada um desses *epata* é uma célula bem individualizada, um recinto, normalmente vedado por um muro de paus-a-pique, com uma única entrada, na sua forma acabada. Dentro dele erguem-se as construções que devem ser, no mínimo, cinco: uma casa para dormir, com um pequeno pátio de entrada; este pequeno pátio pode funcionar como local de conversa, quando o tempo está bom (isto é, quando não faz um sol abrasador ou quando não chove), para o que tem os *oipunde*, pedaços de troncos de tamanho médio (cerca de 20 centímetros de diâmetro e, no máximo, 2 metros de comprimento); uma casa que serve de arrecadação; uma outra que funciona como cozinha para o tempo da chuva e na qual também se podem guardar algumas coisas; uma construção, um tanto casa vulgar, um tanto coberto (por vezes, sem paredes e com o tecto reduzido a uma cobertura simples), a cozinha do bom tempo; e uma cobertura de casa, apoiada em quatro prumos, que protege da chuva e do sol os celeiros que lhe colocam por baixo, apoiados em forquilhas baixas.

A casa de dormir tem, em regra, a porta voltada para poente. Por isso, o conjunto «casa de dormir-pequeno pátio adjacente» tem a orientação leste-oeste, ficando a casa a leste e o pátio a oeste. Esta disposição mantém-se, seja qual

for o quadrante que ocupe, no agregado. Também o conjunto «*olupale*-casa adjacente» tem a mesma orientação.

Por vezes, a individualidade de cada uma dessas células, à primeira vista, não está bem delimitada, porque a vedação que a envolve não está completa. É o caso, por exemplo, de se encontrarem as mulheres (a seguir à segunda ou terceira) num espaço que parece comum. Mas se se reparar bem, não só as construções que pertencem a cada mulher estão agrupadas, como ainda se pode notar o início (mais ou menos desenvolvido) de um muro de paus-a-pique, a separar o espaço entre as construções de duas mulheres. Interrogadas as pessoas sobre se as construções estão completas, no que respeita a vedações, responderão que não e indicarão como e onde deveriam ser construídos os muros de paus-a-pique.

O mesmo se nota em relação aos filhos casados que ainda vivem no *eumbo* do pai. À casa necessária para dormir (provavelmente já construída em solteiros) acrescenta-se uma outra casa que funciona simultaneamente como cozinha (de todo o ano) e arrecadação. Pode construir-se ainda uma outra casa, de forma a diferenciarem-se a arrecadação e a cozinha do tempo da chuva. Virá juntar-se, em breve, um coberto para cozinha de bom tempo. Segue-se o pequeno pátio individual de entrada da casa de dormir. Com este, ou até antes deste, começará a surgir o muro de paus-a-pique que individualizará esta *epata*, separando o espaço deste casal dos de outras pessoas.

Daqui em diante, já esse *epata* não poderá crescer mais. Anseios de uma liberdade maior, desejo de possuir *eumbo* próprio e ou necessidade de mais construções em virtude de o jovem marido ter arranjado mais uma esposa, levam-no, com consentimento e apoio do pai, a construir o seu *eumbo*, ajudado por parentes e amigos.

Frisa-se bem que esta célula individual, o *epata*, não tem outra estrutura, as variantes não existem. São de considerar só dois casos de instalações individuais, dentro do *eumbo*, diferentes do esquema apresentado: trata-se do espaço em que vivem os filhos solteiros, e do da área do dono do agregado.

No primeiro caso, é simples: é só a casa de dormir e os habituais troncos deitados, fora de casa, para se conversar,

oipunde; quando muito, o pequeno pátio fechado à entrada da casa de dormir.

Como o jovem não tem mulher, é fácil que esteja a trabalhar longe da terra cuanhama, nas minas do Sudoeste Africano, se for activo e tiver a robustez exigida, e nas pescarias do litoral (ou outro lugar) angolano, se for fraco ou não estiver disposto a grandes esforços. Neste caso, a casa mantém-se desocupada e não necessita de mais construções. Quando esse filho está em casa, a sua alimentação não constitui problema. E como não tem mulher, não precisa de mais construções.

O outro caso a considerar como alteração ao esquema tradicional do *epata* é a área pertencente ao dono do *eumbo*. Várias modificações importantes se deram na célula individual.

O facto de a casa de dormir ter a porta voltada para poente pode provocar uma hipótese de explicação da história do desenvolvimento do *eumbo*: o conjunto (casa de dormir-pátio pequeno) seria muito anterior à existência do agregado; posteriormente, ter-se-ia definido o *epata* para, finalmente, o agrupamento de vários destes ter constituído o agregado. Por outro lado, o facto de o centro do agregado, o *olupale*, e a casa que lhe está anexa terem uma orientação idêntica, poderia ser uma outra confirmação da mesma hipótese; isto é, o pátio do dono do agregado teria aumentado de tamanho (para poder corresponder ao aumento da sua função) mas, tal como a casa que lhe está adjacente, manteve a sua rígida posição.

A área pertencente ao dono do agregado fica do lado nascente e estender-se-á, no máximo, a nordeste.

Como autoridade máxima, o dono do agregado é a pessoa mais importante. É ele que recebe os homens que vêm de fora. Para isso tem um lugar especial, que é também o lugar onde, pelo menos formalmente, passa o dia, conversa, come; é o centro oficial e social do *eumbo* e da vida do seu dono: o *olupale*.

As expressões europeias «parloir», «parlor», «sala», «palatório», etc., não têm precisamente o significado que traduza o sentido dessa parte da casa cuanhama que é o *olupale*. Por isso, prefiro usar, correntemente, essa palavra.

O *olupale* é um pátio que ocupa pouco mais ou menos o centro geométrico do *eumbo*; quase inteiramente nu, com as suas duas passagens, grosseiramente abrindo a norte e a sul (com um ângulo aproximado de 150°); imperfeitamente circular, pode ter, do lado nascente e abrindo só para ele, uma casa de dormir que nem sempre é habitada. Como já foi referido, no lado esquerdo da porta dessa casa do *olupale* está um pequeno tronco de árvore, ramificado, no qual se colocam os bucrâneos dos bois que se abateram. O *olupale* tem sempre aquelas duas entradas que, quase diametralmente dispostas, não são bem opostas; além disso, a linha que as une é grosseiramente perpendicular à que une a porta de casa ao lugar do homem. Por vezes, essa casa é cedida à primeira esposa. Nesse caso, fecha-se a porta que dá para o *olupale* e abre-se uma outra para fora, juntando-se-lhe um pátio pequeno, individual. Em frente da porta dessa casa, ou melhor, a poente, está o lugar habitual do dono do agregado, no *olupale*. Os habituais bancos, formados por troncos deitados, *oipunde*, encontram-se aí, formando um U, com a base encostada à vedação de paus-a-pique, pelo lado poente; à volta do *olupale*, e encostados a essa vedação, existem mais bancos desses; estes «bancos em ferradura», segundo a designação muito expressiva de DELACHAUX ⁽³⁰⁾, têm a abertura sempre voltada para nascente. Normalmente, no quadrante que fica a noroeste do *olupale*, e dando entrada para ele, encontra-se, depois da entrada principal do *eumbo*, um corredor, *olukala*, no qual pode haver um outro pátio mais pequeno, *epatalakola*. É aí que esperam as visitas formais, isto é, os indivíduos que vêm pela primeira vez, ou que não sejam das relações do dono da casa. Não é forçoso que exista, como o é o *olupale*. Também pode haver, num dos espaços para que dão as entradas do *olupale*, geralmente do lado norte, uma outra casa que funciona de *olupale*, quando chove; mas também esta não é forçoso que exista. O referido corredor de entrada inicia-se por uma porta com um dispositivo próprio para impedir a entrada do gado: uma forquilha que obriga a levantar bem

⁽³⁰⁾ Ver *Ethnographie de la Région du Cunène*, de THÉODORE DELACHAUX, p. 66.

os pés, alçando-os, alternadamente; esta porta chama-se *osimangwa*.

Ao dono do agregado, como pessoa principal, cumpre-lhe receber e alojar as pessoas amigas que vêm de visita. É dentro do seu espaço que se encontram as casas para as alojar; embora cada *epata* possa ter alguma casa (arrecadação, por exemplo) que, eventualmente, sirva para o mesmo fim.

Ainda que pertença ao conjunto do espaço do dono do agregado, o recinto para as visitas não é forçoso que exista. Muito *eumbo* não o tem, enquanto outros podem ir ao requinte de terem instalações diferentes para os dois sexos e até para as crianças.

Se algum parente (o mais provável é que seja uma irmã) necessita de residir no *eumbo*, será no espaço do dono do agregado que se instalará, para o que este lhe cede as construções necessárias e fará as divisões e vedações convenientes.

A cozinha de bom tempo reduz-se, muitas vezes, a um simples coberto, apoiado por um lado a uma paliçada e, por outro, firmando-se em dois prumos; a cozinha da chuva é, normalmente, uma construção idêntica a uma arrecadação, mas com o centro desocupado para acender o fogo e aí cozinhar. Por vezes, a cozinha do tempo de chuva também funciona como arrecadação. Ou vice-versa: uma arrecadação pode funcionar como cozinha do tempo de chuva.

Como é óbvio, o espaço pertencente ao dono do agregado não comporta qualquer tipo de cozinha, visto que as esposas devem levar-lhe comida (cada uma sua parte), em princípio, ao *olupale*; na realidade, onde ele habitualmente se encontra, dentro da sua área.

Normalmente, em fundos de corredor que não dão saída, ou mesmo em quaisquer cantos mais afastados, costumam os Cuanhamas deitar as cinzas dos vários fogos do *eumbo* e aí vão urinar, à noite. Também o podem fazer de dia, em momento que não passe alguém pelas proximidades. Esses lugares escondidos são chamados *osihuhwitu*.

Há uma dupla intenção na existência destes urinóis: um lugar dentro do *eumbo* em que, com segurança, possam urinar de noite, quando o agregado se encontra fechado; a utilização

da cinza não só diminui o mau cheiro provocado pelo urinar repetido no mesmo lugar, mas ainda se enriquece, como adubo. Todas as células individuais têm um, sendo que o *olupale*, como já se disse, também o tem.

Do lado sul do *olupale*, pelo lado de fora do *epata* da primeira esposa, está um recinto só para celeiros; esse local chama-se *etambu* e cada um dos canastros ou celeiros tem o nome de *manda*. A ligação deste recinto de celeiros com o agregado faz-se, normalmente, por uma porta que está entre o recinto da primeira esposa e o curral das vacas.

Como é o homem quem constrói qualquer coisa (a madeira é trabalhada pelo homem e não pelas mulheres: usa ferramentas, isto é, utensílios de ferro), só ou ajudado por outros, é necessário que haja cobertos espaçosos. Por outro lado, o homem tem sempre uma série de bugigangas e utensílios que vai guardando; além disso, como principal detentor de bens, tem mais coisas para guardar; daí que, normalmente, tenha mais casas de arrecadação que o normal em cada *epata*.

Em importância social, no *eumbo*, ao dono deste segue-se a primeira mulher, *elombe*. Normalmente, é, de facto, a primeira esposa e que ele «muficou», isto é, a mulher casou sendo solteira. De qualquer forma, é a esposa mais antiga e é a autoridade máxima do agregado, na ausência do marido.

A sua área é a sul, a seguir à do marido. Fica a sudeste do *olupale* e chama-se *epata elombe*. É de tamanho mais pequeno que o do recinto do marido. Como todo o *epata*, terá um mínimo de três e um máximo de cinco construções. Muitas vezes, como se disse atrás, a primeira esposa usufrui de uma outra casa, onde dorme, junto ao *olupale* e a nascente deste.

A sudoeste do *olupale* está o recinto da segunda esposa, *ehaka*, o qual se chama, obviamente, *epata ehaka*. É uma célula individual normal. Não disfruta de qualquer privilégio especial esta segunda esposa, senão o que lhe poderá advir de subir à categoria de primeira esposa, no caso desta desaparecer da vida do *eumbo*, por qualquer razão.

A terceira mulher, *ende*, segue-se, em importância e localização (sempre seguindo o sentido dos ponteiros do relógio) à segunda esposa; ficará, portanto, a poente do *olupale*. Pode ficar separada daquela e junto das restantes esposas do dono

do agregado, em cuja categoria se inclui: *pokati k'eumbo*, isto é, as que estão «ao lado do *eumbo*».

Ao corredor principal segue-se a área em que vivem as restantes mulheres do dono do agregado; a esse espaço chama-se *epata pokati k'eumbo*. É uma designação geral, quer essas esposas sejam uma só, cinco ou mais. Algumas vezes, cada uma delas tem o seu recinto vedado por paus-a-pique; noutros casos, o mais comum, tais vedações estão apenas esboçadas, iniciadas, ou mesmo podem não existir. No entanto, como já se disse, não há confusão possível; cada mulher tem o seu *epata* bem definido pelas construções que lhe pertencem e pelo espaço que estas limitam.

Esta área das restantes esposas encontra-se, grosseiramente, a noroeste e a norte do *olupale*. É a última divisão importante da área do *eumbo*, antes de entrarmos no espaço do dono do agregado, a nascente.

Dum e de outro lado da entrada principal, mas normalmente antes do corredor (no sentido que estamos considerando, o dos ponteiros do relógio), está o recinto dos filhos homens, solteiros, ou o espaço onde os casados têm as suas instalações. Assim, a entrada principal, *olukala*, deve ficar entre as habitações da gente nova e o espaço onde estão as mulheres do dono do agregado, com excepção das principais.

Antigamente, quando os Cuanhamas raziavam as populações vizinhas, era antes do espaço onde se instalam os filhos adultos que dormiam os escravos.

Depois da entrada solene, *oñu*, e antes de se chegar ao corredor principal, *olukala*, passa-se ao lado de um recinto onde as mulheres, e especialmente as raparigas, cotidianamente pilam (isto é, pisam nos pilões) o *massango*. É um recinto pequeno, fachado por um muro de paus-a-pique, com o chão alisado, nivelado e revestido de uma pasta de terra de *salalé*, como foi referido para a eira. Este revestimento é especialmente cuidado à volta dos pilões que estão enterrados cerca de quatro quintos. O recinto toma o nome dos pilões e, por isso, se chama *osini*.

O pilão cuanhama (e de outros *Âmbòs*) não tem o cuidado do dos *Humbes*, por exemplo, porque não é necessário. O dos *Humbes* é um pesado tronco, cortado no tamanho próprio,

com base larga, para se segurar de pé e que a mulher guarda, dentro de casa, quando não o utiliza fora dela. O pilão dos *Ambôs* é um tronco simplesmente escavado. De nada mais necessita, visto que é enterrado. Há quem afirme que cada mulher tem o seu. Na realidade, não é assim: pode-se encontrar um número de pilões maior ou menor que o número de esposas. Além disso, vê-se que alguns não são usados, enquanto outros o são intensamente.

As instalações para animais podem ser consideradas de duas maneiras: integradas no agregado habitacional: para vacas, vitelos e galinhas; não integradas no agregado: curral externo para bois, curral para cabras e chiqueiro para porcos.

A seguir à área da primeira esposa, e separando esta da da segunda esposa, existe um curral destinado às vacas, *osunda*. Este curral tem duas portas: uma que dá para o interior do agregado, pela qual entram as pessoas que vão mungir as vacas, e outra que dá passagem às vacas, para fora do agregado, abrindo por vezes (quando existe), para um outro curral, onde estão bois, *ohambo yahove*. Dentro do curral das vacas há uma pequena vedação, na qual se encerram os vitelos durante a noite (*enhana*). Este curral, *osunda*, quase faz parte integrante do *eumbo*, o que não acontece com os outros. Será que estes, que formam como que excrescências, são de menos idade que o outro? E por isso ficaram agregados, mas não fazendo bloco com o conjunto? Repare-se que o curral quase integrado no conjunto é construído de paus-a-pique, enquanto que os outros, na parte externa, são formados por sebe de espinheiros. Corresponderá esse acrescento (se o é) à fase de expansão cuanhama, definida pelas razias nos territórios vizinhos, normalmente rendosas em gado?

Este curral, *osunda*, pela configuração e posição, parece tratar-se de uma antiga excrescência que forçou a sua participação no agregado. Daqui se conclui que o agregado cuanhama, quando passou a ter gado, já tinha a forma que se descreve. Afigura-se uma confirmação da aquisição tardia do gado o facto de, como já se disse, o homem cuanhama ser mau pastor. A ser assim, a sociedade cuanhama é uma sociedade agrícola que se vai transformando em agro-pastoril, em consequência de ter gado obtido pela rapina.

Depois da *oluvanda*, no sentido dos ponteiros do relógio, pode encontrar-se o curral das cabras, *osiñongo so ikombo*. Desse lado também se pode encontrar um outro curral destinado a receber os bois das visitas que vêm para a festa do gado; é o *ohambo yo kalukilo*.

Os currais, no seu conjunto, parecem corresponder a duas fases: uma, a do curral dentro do agregado, corresponderia a uma primeira fase de pouco gado; como mais antiga, teve tempo para quase se integrar no conjunto. O curral fora do agregado parece corresponder a um acréscimo no armentio, o qual foi arrumado de forma provisória. O facto de parecer ter uma frequência maior a poente, indica talvez que estava a definir-se a sua posição em relação ao conjunto.

Os factos já conhecidos, de ser completa a segurança de pessoas e bens e de já se construírem, hoje, currais separados do agregado, mas perto dele, parecem indicar que essa posição dos currais, que estava a definir-se junto do agregado, cessou, porque deixou de ser necessário que o gado ficasse sob a vigilância directa do dono.

Muitas vezes é encostado ao curral das vacas, pelo lado do interior do agregado e junto à entrada do recinto da segunda esposa, que se encontra o estrado alto onde, à noite, se refugiam as galinhas; chama-se *osikuku*. Convém esclarecer que nem todas as galinhas aí dormem. Muitas delas, como procuraram os lugares mais inverosímeis para porem os ovos e aí os chocarem, ou se têm ninhadas, dormem onde arranjaram os seus lugares. Esse estrado nada mais é que um grosseiro estrado de paus e uma tosca escada para os galináceos subirem: um ramo de árvore, encostado ao estrado. Nenhuma protecção contra qualquer ave de rapina nocturna; somente está defendido dos predadores terrestres.

Um ponto obrigatório é o que respeita ao leite e à manteiga. A casa onde se guardam as cabaças, tarros e demais pertences, assim como o cavalete onde é balanceada a cabaça de bater o leite, encontram-se no recinto da primeira esposa, ou fora, mas próximo ou à entrada dele. Parece que a localização das instalações do leite denota uma convergência de dois factos: o confiar-se a guarda dos respectivos objectos (que dão orgulho e prazer ao seu proprietário) à mulher mais responsável, e também ficarem perto do curral das vacas.

Há várias considerações a fazer nesta distribuição de espaços e arrumo das pessoas, animais e coisas. Por outro lado, uma série de elementos bem definidos e bem integrados numa estrutura complexa. Assim, a célula individual é perfeita: contém todos os elementos pertencentes e necessários a uma mulher, já que esta está ligada à sua existência, de uma forma quase exclusiva. Além disso, é o fundamental para a vida de um casal. Desta maneira, tem a residência, ainda em casa do pai, quando o jovem se casa. E, quando arranja mais esposas, cada uma tem de ter essa unidade de residência. Também é nela que a esposa recebe o marido, nas noites que lhe cabem; nessa ocasião, o homem funciona como marido só dessa mulher. Mas, assim que arranja outra esposa, como tem de distribuir equitativamente as suas noites, não dando preferência a uma ou outra esposa, e como precisa de guardar as suas próprias coisas, o homem arranja lugar para si. E, assim, vão ficando bem definidos os recintos que pertencem às várias pessoas.

Se, por qualquer motivo, uma das mulheres sai do seu lugar na fila das esposas, a seguinte virá ocupá-lo. É uma mudança automática: ao mudar de lugar na posição de esposa, muda de residência, muda de terreno de cultura. Da mesma forma que, se se divorciar, deixará a casa e o terreno que cultivava; irá para casa da sua família. No entanto, se a separação se der em plena época de cultivo, mantêm-se os seus direitos e obrigações em relação ao lugar que ocupou: virá cuidar e colher a sua lavra, como participará no trabalho da que pertence ao ex-marido. Assim, o usufruto das casas e dos campos não termina com o divórcio; e o direito ao produto do seu trabalho mantêm-se mesmo depois daquele. Nos casais monógamos, os cereais e os campos são separados; a regra mantém-se: a mulher trabalha também no campo do marido. As colheitas são guardadas separadamente. Compreende-se: se a monogamia parece inculcar que a colheita seja guardada em conjunto, por outro lado, a hipótese de divórcio (numa sociedade em que a mobilidade conjugal é grande) parece aconselhar o contrário.

Igual norma se segue quanto aos filhos: todos os que foram gerados durante a sua estadia no *eumbo* pertencem ao

dono deste, são seus filhos, seja ele ou não o pai biológico ⁽³¹⁾. Se é muito pequeno, ou a mãe o leva no ventre, cuidará dele, até que, crescido, será reclamado pelo pai, a quem pertence, em primeiro lugar e de quem levará o nome. Todas estas regras estão perfeitamente estabelecidas e são cumpridas sem atropelos. Pode-se dizer que todas as situações conjugais estão previstas e solucionadas sem conflitos.

Há a notar também a estrutura de distribuição das pessoas. O centro geométrico e social, como já se disse, é o *olupale*, ficando as pessoas adultas à sua volta: o homem e as esposas; partindo sempre do mesmo ponto e girando sempre no mesmo sentido. Os filhos vêm depois das esposas, acompanhando a entrada, formando como que uma espécie de guarda.

Note-se também que, nos *eumbos* pequenos, isto é, nos de duas ou três esposas, geralmente o homem pode guardar celeiros seus dentro do agregado, num dos seus recintos. Mas nos *eumbos* maiores o local dos celeiros do homem (e também não só dele), *etambo*, parece estar justaposto ao agregado, como que parasitando-o. Até porque não está ao lado do recinto do homem, mas a sul. Que quererá significar isto que parece um acrescento num conjunto tão bem definido? Não se pode pôr a hipótese de uma data recente, e que o *etambo* tenha surgido pela maior produção, conseqüente do aumento de esposas, o qual resultaria, por sua vez, da expansão cuanhama. Porque se houve tempo para arrumar bem os recintos dessas mulheres e definir bem as suas posições na família, direitos e deveres, muito mais fácil seria alterar ligeiramente a estrutura do *eumbo* de forma a integrar o *etambo*. Note-se que se podem encontrar *eumbos* com o recinto dos celeiros do homem no interior e, neste caso, a norte, isto é, dentro do espaço do homem; isto verifica-se, especialmente, nos *eumbos* pequenos. Indicou-se a sua posição a sul, por ser talvez a mais frequente,

⁽³¹⁾ Pode acontecer que um homem de avançada idade (70-80 anos) tenha várias esposas de 20-30 anos e que estas tenham filhos. A idade avançada do marido (e, por vezes, doença) não provocam qualquer atitude de censura ou mesmo comentários maliciosos: são filhos do marido da mãe. Nem haverá qualquer ressentimento se se perguntar ao patriarca se tais crianças são filhos ou netos: com toda a naturalidade nos responderá que são filhos.

quando se instala fora, mas encostado ao conjunto. Por outro lado, também se podem encontrar os cobertos dos celeiros fora do *eumbo*, mas próximo, do lado norte.

Assim, parece que os celeiros do homem têm, sucessivamente, as seguintes localizações: 1) — quando o homem se instala com largueza, ficam dentro do seu recinto, a norte; 2) — o aumento do número de esposas leva o homem a arranjar-lhes os recintos privativos que se fazem à custa da diminuição do seu próprio, passando os celeiros para fora, mas ainda a norte; 3) — numa fase seguinte, os celeiros do homem vão-se encostar ao *eumbo*, mas pelo lado sul (a sudeste), como que confiados à guarda da primeira esposa. O facto de os donos dos *eumbos* maiores terem mais cereal que os dos agregados pequenos é consequência directa do maior número de esposas.

De certo modo, objecção idêntica se pode pôr para o lugar dos pilões, *osini*. O seu agrupamento e o seu uso comum, por um lado, parece que quebram o individualismo dos *epatas*; por outro, forma como que uma excrescência no conjunto. Aliás, o mesmo se passa na eira: porções individuais podem ser tratadas no mesmo lugar, embora não se misturem.

Já se falou de as células individuais se irem arrumando, e como as dos filhos homens têm de envolver as dos adultos, sempre segundo o sentido dos ponteiros do relógio. E tudo isto está de tal forma estruturado que, nesse conjunto aperfeiçoado, rígido, há a possibilidade de aumento ou diminuição mas sempre dentro da estrutura definida. A tendência de se desenvolver em espiral envolvente permite uma e outra coisa; essas modificações cabem naquela estrutura. Se há mais mulheres, construir-se-ão mais células, continuando a envolver o conjunto; um aumento no número dos filhos casados produzirá igual efeito. Vê-se, assim, como o *eumbo* cuanhama é um conjunto arquitectónico perfeito, atendendo à principal actividade (para a sua economia), à estrutura familiar e à mobilidade que, dentro desta, as pessoas têm.

Se descermos a nossa análise do agregado familiar para o pormenor das construções, também podemos fazer algumas observações.

No geral, todas as construções de um *eumbo* cuanhama têm um tamanho que oscila pouco: a planta circular anda à volta de dois e meio a três metros de diâmetro. Compreende-se: muito mais pequena seria imprestável; muito maior é impossível, porque a cobertura é construída à parte e, só depois de pronta, é colocado sobre o baixo pé direito. Isto é: depois de pronta, a armação da cobertura (que se faz com varas flexíveis, amarradas em forma cónica) é revestida de capim, na quantidade e maneira consideradas convenientes. Tudo isto conduz a um peso razoável que não é fácil, para seis ou oito homens, levantar a pulso para colocar no lugar. Disto resulta que a casa cuanhama está limitada, enquanto não mudar o processo de fazer a sua cobertura. Esta técnica está fortemente arreigada. Tanto que se pode ver (nos *eumbos* novos de um casal, em que se substitui o pé direito de paus pelo de adobe) que a planta da casa se mantém circular, respeitando as dimensões; a isso obriga o tipo de cobertura que é o tradicional no Cuanhama. Note-se, como pormenor secundário, que só procuram utilizar o adobe os homens que trabalharam muito tempo no Sudoeste Africano, onde as populações nativas já usam bastante aquele material. Mas enquanto lá o adobe é utilizado em casas de planta rectangular de, no mínimo, duas águas, de cobertura metálica, fixada a barrotame e de pé direito mais alto que uma pessoa, no Cuanhama angolano a modificação para na utilização do adobe para o pé direito que mantém a sua pequena altura, numa planta classicamente circular, obrigando as pessoas a andarem curvadas ou quase.

Por outro lado, dado o grande individualismo das pessoas na sua vida privada, são imprescindíveis as vedações de paus-a-pique; seria impossível arrumar todas as pessoas com todas as suas instalações em tão pequeno espaço; e deve-se notar que se fica relativamente folgado.

Pode-se pensar que paus mais delgados e mais pequenos fariam o mesmo efeito. É um engano a que os próprios Cuanhamas respondem, quando interrogados nesse sentido: se forem de paus mais brancos que o *mufyati* com bom cerne, pouco durariam: um ou dois anos, no máximo três. Assim, só a acção continuada do *salalé*, na parte enterrada, danifica ligeiramente os paus. E quando, ao fim de alguns anos, a

parte enterrada se mostra fraca, pelo ataque do *salalé* e da podridão, não dá grande trabalho: retira-se o pau, renova-se o buraco e o pau volta ao seu lugar mas em posição inversa; só que fica um pouco mais baixo. Desta forma, um pau que tenha sido escolhido e cortado como deve ser, dura muitos anos, talvez quase uma geração.

Vê-se como a necessidade de defesa, no passado, levou a concentrar, no menor espaço possível, as células individuais. Isto obrigou à construção de vedações e muros de separação. Embora mais deselegantemente, deu-se um ajustamento como nos favos das abelhas.

Verifica-se agora que, desaparecido o perigo que obrigou a tal arrumação, as pessoas a mantêm porque, no espaço de pouco mais de meio século de segurança geral, ainda não foram capazes de arranjar uma outra arrumação igualmente prática, mas menos trabalhosa.

Observa-se também como adopção de uma técnica, como a da cobertura (que impõe limitações), impede o aumento do tamanho das unidades de construção e, conseqüentemente, uma possível evolução. É certo que uma tal cobertura é mais fácil de fazer e de substituir que uma que fosse construída sobre a casa; mas, somadas as vantagens e os contras, parece que mais perde que ganha. No entanto, os Cuanhamas continuam-lhe fiéis!...

Vimos, assim, que há uma perfeita conformação desse elemento (ou complexo) cultural, que é a casa, aos materiais de construção possíveis, à agricultura, à segurança, ao tipo de família, à mobilidade conjugal, à sociedade, à economia.

Por outro lado, vimos também que a um aperfeiçoamento e a uma estrutura harmoniosa, que não se encontram em nenhuma outra sociedade do Sul de Angola, corresponde uma impossibilidade (ou, pelo menos, uma grande dificuldade) de se adaptar a novas situações e alterações dos pontos que indicámos.

III. CONCLUSÕES

Vimos que, ano após ano, se cultiva a mesma terra sem que ela se esgote; pelo menos, possibilita essa prática. Isso sucede com a prática da agricultura tradicional, isto é, do

cereal tradicional, o *massango*, e segundo a maneira também tradicional, utilizando a pequena enxada cuanhama.

Uma vez que se introduziu a charrua e que esta tende a difundir-se cada vez mais, ocorre perguntar até que ponto esta máquina pode contribuir para o empobrecimento do solo, já que vira a leiva. E mais: enquanto a enxada tradicional simplesmente esgaravata uma área muito pequena, a charrua acaba por resolver toda a lavra.

Claro que se pode contrapor que em alguns pontos já se pode observar qual o efeito da charrua, visto que a usam, há vários anos, nas mesmas lavras, parecendo que não há prejuízo. E ainda se pode argumentar que, se fosse prejudicial, já os Cuanhamas teriam dado por tal e abandonado o seu uso.

Este último raciocínio é verdadeiro só na medida em que os Cuanhamas raciocinam, como quaisquer seres humanos, sobre a realidade. Mas, por vezes, outras razões intervêm para se prosseguir com uma técnica que terão notado prejudicial: por exemplo, o menor esforço, e o facto de haver mais terra livre. Haja em vista o que se passa com as terras trabalhadas pelas gentes de Caconda, Huambo e Bailundo: sucessivamente submetidas a uma agricultura de charrua, estão fracas. Eram muito mais ricas que as do Cuanhama (como se pode ver nos trechos que, por difíceis de cultivar, mantiveram as suas características pedológicas); hoje estão, talvez, mais pobres; mas nem por isso os habitantes dessas regiões pensam em abandonar a charrua.

Os Cuanhamas são apontados, geralmente, como muito permeáveis à cultura europeia. Como sucede com qualquer sociedade posta em contacto com outra, é permeável nuns aspectos e não o é noutros. Além disso, é preciso ver com cuidado como se manifesta essa maior permeabilidade, que pode parecer maior do que na realidade é. Quanto aos Cuanhamas, os Europeus ficaram intimamente desvanecidos com o facto de estes aceitarem de boa vontade o vestuário, o armamento e alguns (poucos) hábitos europeus.

Mas não se deve generalizar; não se pense que não têm facetas em que são tanto ou mais conservadores que outras tribos. Além disso, há que ser prudente e ver por que motivos uma sociedade mantêm uns padrões e altera ou abandona outros; por vezes, há razões muito fortes, mas não muito

claras, que explicam esses factos aparentemente paradoxais. Temos ainda de pensar, no caso da casa cuanhama, nos motivos psicológicos por que o cuanhama tem sido lento a copiar o esquema da casa do tipo europeu: as casas desse tipo, onde já viveu, pertencem às minas onde trabalhou; não deve ter boas recordações dessas casas, dada a aglomeração de homens, de forma absolutamente contrária à maneira tradicional cuanhama, na qual se criou; há que ter também em conta a fraca existência (que vai aumentando) de casas diferentes, no ambiente que lhe é familiar; há ainda a notar que é preciso que também a mulher se habitue a novo tipo de casa; porque, se é o homem que a faz, a mulher é a sua principal detentora.

Assim (e no que importa ao tema deste estudo), não só as suas casas se mantêm quase totalmente como eram há mais de cem anos, como este povo é, no Sul de Angola, o único a manter a trabalhosa cerca de paus-a-pique. Vejamos em pormenor.

O agregado familiar, *eumbo*, ainda mantém a mesma planta e dimensões que, como vimos, varia em função do número de esposas e não de qualquer outro factor. A única diferença de estrutura é o ter surgido um outro tipo de planta, muito simplificado, em consequência da cristianização.

O *olupale* ainda é o centro geométrico e social do *eumbo*; o dono do agregado, *omweneumbo*, continua com o sector da coroa circular voltado a nascente e a primeira mulher a sudoeste; a sul, o curral do *eumbo*; a sudoeste, a segunda mulher; as restantes mulheres arrumam-se a noroeste, norte e nordeste (num sentido envolvente, segundo o movimento dos ponteiros do relógio) depois dos filhos adultos, solteiros e casados, se disporem a oeste e noroeste. Todos se arrumam segundo a maneira tradicional.

As casas mantêm a sua feitura. Constrangidas, como já vimos, a que a cobertura seja levantada a pulso e colocada em cima do pé direito, não têm possibilidades de aumentar de tamanho. Também, como vimos, a técnica de construção usada pelo homem cuanhama, impedindo-o de fazer casas maiores, obriga-o a aumentar o seu número; isto é importante por dar uma feição mais típica do aglomerado familiar.

Por sua vez, esta tipicidade deve ter consequências psicológicas nas pessoas, ajudando a vincar a consciência de grupo.

Apesar desta dominância da casa tradicional, os Cuanhamas reparam nas vantagens de outros tipos e, embora excepcionalmente, usam-nos. Quando um cuanhama pretende uma casa maior, de mais desafogo, em regra, prefere a casa de planta rectangular, mas colabora nela como ajudante e servente: o mestre é um bailundo! Por outro lado, se pretende uma casa circular mas de maiores dimensões, pede a um humbe que lha faça; porque esse aumento só é possível abandonando a técnica cuanhama e adoptando uma outra: uma forquilha fazendo de prumo central, eixo no qual se apoiam os barrotes que sobem do pé direito circular. Vemos, assim, como a casa cuanhama se conservou, forçadamente, fiel ao método de construção tradicional; neste ponto, não foi capaz de mudar, para ganhar possibilidades de aumento.

A planta do *eumbo*, especializada e bem definida, pouco plástica, não permite que o agregado evolua facilmente: a família poligínica não pode mudar a arrumação das pessoas sem formar um conjunto caótico; ou, então, tal estrutura terá de ser completamente abandonada e copiado, na totalidade, um outro tipo que satisfaça às mesmas necessidades. Ora, nem é desejável a primeira hipótese, nem existe a segunda. Uma tão complexa estrutura não é fácil de mudar; para isso, tem de se tornar mais simples. Mas a família poligínica, com mais gente, com a sua complementaridade nos campos e estrutura social, não pode mudar facilmente. Muda melhor a da pequena família monogâmica. Por paradoxal que pareça, a solução prática para sair do problema de arrumar as pessoas desta estrutura complexa de construção trabalhosa... é continuar com ela!

Tal estrutura ficará um conjunto desordenado, se se lhe tirarem as vedações de pau-a-pique, justamente a parte mais difícil de construir! Daí, que se mantenham essas vedações, *nanula*. Porque pior que o trabalho de as fazer é a confusão de elas não existirem.

Vale a pena tentar reconstruir a provável evolução desta casa e comparar a sua situação com as de outras tribos. Teve de arrumar, no menor espaço possível, as pessoas que fazem

parte desta família poligínica. Redução de espaço, independência das pessoas, defesa contra ataques de estranhos ⁽³²⁾ obrigaram a vedar bem os espaços e a usar paus fortes. A segurança de pessoas e bens consequentes da ocupação europeia acabou com os possíveis ataques. Mas ainda existe a família poligínica que não conhece outra maneira de se arrumar; portanto, as divisões e vedações subsistem. Deve notar-se, no entanto, que há uma evolução, embora imperceptível nessas vedações: não só os paus são mais pequenos, mais fracos e menos cerrados (porque não são necessários à defesa), como as falhas em tais vedações não são dentro, mas na parte externa do agregado; portanto, onde não fazem falta.

Quanto à arrumação das pessoas, será preciso que a família cuanhama deixe de ser tão grande. Os primeiros passos, nesse sentido, já estão dados: parece que, aos poucos, vai aumentando o número de casais, em detrimento do número de famílias poligínicas.

O caminho para uma evolução futura da casa cuanhama já está a esboçar-se, parecendo assentar nos seguintes pontos:

— Substituição do pé direito de paus-a-pique pelo de adobe, embora mantendo a planta circular;

— Substituição da cobertura de cúpula de capim pela metálica; mas isso obriga a mudar a planta redonda pela planta rectangular ou quadrada;

— Redução do número de esposas pela importância que o homem adquire na manutenção da economia da casa; quer por trazer mais dinheiro que recebe pelo seu trabalho, quer por maior participação nos trabalhos agrícolas; quanto maior o número de esposas, maior o trabalho de charrua;

⁽³²⁾ Talvez nos tempos mais recuados da tribo (portanto, aqueles em que se definiu o tipo de casa cuanhama) esta gente tivesse de temer mais os outros indivíduos da mesma tribo, mas de lugares afastados. Já referi, atrás, que me informaram de que, nos velhos tempos, os Cuanhamas também se atacavam uns aos outros para roubar. Além disso, parece que se fossem só de temer os ataques do exterior, os agregados mais fortemente defendidos seriam os da borda da terra cuanhama; mas o facto é que todos são pequenas fortificações. LOEB foi feliz ao incluir a palavra «feudal» no título do seu estudo sobre o Cuanhama.

— Avanço lento (mas avanço) do Cristianismo e da sua característica monogâmica;

— A segurança geral permite que cada um se instale onde quer, não sendo forçados a acumularem-se, para melhor defesa;

— As facilidades da construção simplificada (planta mais simples — rectangular —, materiais melhores — adobes, cobertura metálica —, possibilidade de ganhar mais dinheiro para pagar ao especialista que faz uma casa, etc.) possibilitam maior independência; daí, cada um fazer a casa onde deseje.

Note-se que as outras tribos Âmbòs também têm a vedação exterior e uma compartimentação interior, embora muito mais modestas. Mas isso é função da simplicidade da família. Nessas outras tribos também se mantém a vedação exterior, mas com uma função diferente: serve de muro, formando o que podemos chamar quintal. Porém, enquanto nos Cuanhamas a degradação das vedações começa pela exterior, parece que nos outros Âmbòs é justamente essa vedação que se mantém mais vigorosa, talvez pelo papel mencionado.

Resumindo o exposto e como esquematização de hipótese da evolução da «casa cuanhama», até hoje, talvez sirva o seguinte, ainda que repetindo um pouco:

1 — Formação da sociedade cuanhama: agrícola e poligínica; estruturação do agregado;

2 — Ataques dentro da tribo; fortificação do agregado; aquisição de algum gado;

3 — Hábito de rapina, como actividade; apreciáveis aquisições de gado; chegada dos Europeus; início do hábito de ir trabalhar nas minas do Sudoeste Africano;

4 — Ocupação europeia; fim das razias; segurança; intensificação da migração de trabalhadores para as minas;

5 — Alteração económica e social; desagregação da «casa cuanhama» tradicional.

A evolução futura da casa cuanhama só poderá dar-se no sentido da sua simplificação, que se traduzirá por um conjunto de factores que classificaremos, por comodidade de arrumação, de factores de ordem interna e de ordem externa. Alguns já foram apontados. Os de ordem interna são os que correspondem a mudanças de outros padrões culturais dos

Cuanhamas; os de ordem externa são os que derivam de exemplos e incitamentos de fora, de que resultam mudanças sem alterações de padrões. O principal é o enfraquecimento da norma ideal da família: o maior número possível de mulheres; já se apontaram as suas causas. Diminuindo o número de mulheres, reduz-se o número de casas e simplifica-se a sua arrumação. Daí, uma simplificação na estrutura da planta.

A segurança das pessoas permite três factores importantes: a diminuição progressiva das defesas do agregado; a dispersão das pessoas, no terreno, por unidades mais pequenas; e a possibilidade das pessoas se ausentarem mais facilmente. Ainda da mesma ordem se pode considerar a habitação a outros tipos de construção, que vem como consequência de uma maior ocupação do Cuanhama por gente de outras etnias (Branços, Bailundos, Cuamatos, Humbes, etc.); e, por outro lado, de uma maior e mais distante dispersão de gente cuanhama, por ir trabalhar, como assalariada, no Sudoeste Africano, ou nas povoações, no Cuanhama ou fora dele: Sá da Bandeira, Moçâmedes, etc.

Num esquema de evolução orientada, talvez seja ainda necessário:

- abandonar algumas divisórias por serem inúteis;
- utilizar o adobe nas divisórias dos recintos;
- substituir a planta circular de cada construção pela planta rectangular (ou, ao menos, quadrada), com a mudança da cobertura cónica pela cobertura de uma só água;
- substituir, tanto quanto possível, a planta dos recintos individuais (que são grosseiramente ovais) por recintos rectangulares, isto é, de divisórias rectilíneas;
- juntar, tanto quanto possível, as várias construções que formam uma célula individual, em uma ou duas construções, de uma água, somente.

Para isto, além de ser necessário ensinar a fazer adobes e a montá-los em paredes, há que difundir a cobertura metálica, protegida por cima com *capim* (para evitar o calor do dia e o frio da noite).

As vantagens da planta rectangular, da redução do número de construções (pela junção de vários quartos) e das divisórias em adobe são por demais evidentes, para a cultura

ocidental; para a sociedade cuanhama, isto deve ser possível, se se respeitarem três condições: o *eumbo* continuar a ser um agregado familiar, fechado, dentro dos seus campos de cultura; cada pessoa ter a sua célula individual; não forçar a mudança económica e social cuanhama, deixando-a evoluir por si, mas dando-lhe as possibilidades para isso.

Por outro lado, visando o melhor aproveitamento das actuais condições de vida no Cuanhama, parece de aconselhar:

— difundir mais o uso da charrua, se se verificar que não contribui para o empobrecimento da terra, ou, talvez, substituir a charrua que vira a leiva por uma charrua que só rasgue a terra;

— plantar árvores de fruto nativas, já que os Cuanhamas não o podem fazer, enquanto o impedir a tradição; introduzir espécies exóticas tem o inconveniente de obrigar a manter um corpo de gente treinada para cuidar delas, visto que não é fácil introduzir o hábito de cuidar das árvores de fruto;

— fazer reviver o respeito individual pelas *chimpacas* e promover a construção de muitas;

— difundir (se possível) o hábito da farinha de moinho; embora menos gostosa que a de pilão, talvez venha a destronar esta, pelo enorme trabalho que poupa à mulher;

— manter (e melhorar) a base da alimentação no *mas-sango* (incluindo a forma de *brolunga*), até agora o melhor cereal que apareceu nestas terras; incentivar a cultura das leguminosas e cucurbitáceas indígenas; promover um melhor aproveitamento dos produtos espontâneos;

— difundir técnicas simples de criação de gado (das variedades indígenas) e incentivar um melhor aproveitamento dos produtos animais.

J. LINO DA SILVA

RÉSUMÉ

A la frontière Sud de l'Angola ainsi que dans le Sud-ouest africain vit la tribu Cuanhama, dans une région plane, sableuse et faiblement arrosée. Elle se consacre à l'élevage et surtout à l'agriculture basée sur une céréale (peniseto).

D'autres activités sont aussi importantes: la pêche dans les nombreux étangs qui se forment à la saison des pluies et la cueillette des

plantes spontanées surtout des fruits sauvages. Ces activités sont réservées aux femmes.

Jadis, en période sèche, les hommes pillaient régulièrement les tribus voisines ou bien organisaient des expéditions à la recherche de minerais de fer, duquel ils extrayaient le métal. Avec la domination européenne dans la deuxième moitié du XIX^e siècle et le début du XX^e siècle, ces deux activités cessèrent. Les hommes cherchèrent alors un travail rémunéré.

Comme la plus grande partie de l'Afrique bantoue, les Cuanhamas aussi ont un idéal polygamique pour des raisons d'ordre économique; celui-ci est en déclin à cause des altérations provoquées dans la société par les européens surtout par le bouleversement de leur économie.

L'habitation de la famille cuanhama est un ensemble jointif de petites cases individuelles qui s'agence harmonieusement suivant un ordre bien établi. Par la disposition des différentes pièces et par les caractéristiques qu'elles présentent on peut tenter d'expliquer quelques traits de son évolution probable. Cet ensemble montre non seulement diverses marques de son passé mais aussi des altérations propres de l'évolution qu'il a souffert par les changements économiques et sociaux déjà mentionnés.

Ainsi, on peut indiquer quelques modifications désirables possibles soit s'intégrant dans l'évolution citée, soit constituant des marques de progrès.

On peut aussi conseiller d'autres mesures tenant compte de la réalité cuanhama, qui visent à améliorer les conditions de vie de cette société.

SUMMARY

On the southern frontier of Angola, also spreading to South-West Africa, in a flat, sandy region, with a low rainfall, there lives the Cuanhama tribe, which devotes its life to flock-tending, and, in particular, to agriculture based upon one cereal: *peniseto*.

For the life of population, fishing in the numerous pools which form in the rainy season and the picking of wild products, namely wild fruit, continue to be important activities: such occupations are suitable for the female population.

In the past, the men would regularly take up pillaging of neighbouring tribes in the dry season; this was a time when they also organized expeditions in search of iron ore, from which they extracted the metal. With the supremacy of the Europeans in the second half of the 19th century and the beginning of the 20th century both activities ceased, and the men reverted to paid labour.

Like most of Bantu Africa, for economic reasons, the Cuanhamas also believe in the ideal of polygamy, but this is falling off with the changes in society caused by the Europeans, particularly in the economic field

The living complex of the Cuanhama family is an intricate collection of small individual cells harmoniously arranged, in accordance with a well-established order. By the way in which their constituent parts are arranged and the characteristics they display, one can attempt to explain a few steps in their probable evolution. This unit not only reflects a number of signs of its past, but also alterations peculiar to the evolution it is undergoing with the economic and social change referred to.

For this reason, one can indicate as possible, a number of desirable modifications, either as they fit into the evolution mentioned, or because they are signs of progress.

Other measures are also proposed by way of improving the living conditions of the society, measures which are based upon the Cuanhama reality.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, JOÃO DE (1936) — *Sul de Angola — Relatório de um governo de distrito (1908-1910)*. 2.^a ed., Agência Geral das Colónias, Lisboa. XIV-643 p., 32 fotografias, 2 mapas (em 27 folhas).
- BARBOSA, L. A. GRANDVAUX (1970) — *Carta Fitogeográfica de Angola*. Instituto de Investigação Científica de Angola, Luanda, 323 p., 3 mapas fora de texto, 56 fotografias.
- BRAZ, CESAR AUGUSTO DE OLIVEIRA MOURA (1918) — *Relatório do Governador do Distrito da Huíla, ano de 1912*. Imprensa da Universidade, Coimbra, 373 p. Com estampas, gráficos e mapas.
- BROCHADO, BERNARDINO JOSÉ (1858) — «Descrição das Terras do Humbe, Camba, Mulondo, Quanhama, e Outras, Contendo uma Idéa da sua População, seus Costumes, Vestuários, etc.», *Anais do Conselho Ultramarino*, parte não oficial. Lisboa, série I (Fevereiro de 1854 a Dezembro de 1858), pp. 187 a 197.
- CALDEIRA, CARLOS JOSÉ (1853) — *Apontamentos d'uma Viagem de Lisboa à China e da China a Lisboa*. 2 vols. Tipografia de Castro & Irmão, Lisboa, 423 + 352 p.
- DELACHAUX, THÉODORE (1936) — «Éthnographie de la Région du Cunène», *Bulletin Neuchateloise de Géographie*, tomo 44, 108 p., 88 estampas.
- DELACHAUX, THÉODORE e THIEBAUD, CHARLES, E. (1934) — *Pays et Peuples d'Angola*. Ed. Victor Attinger, Paris, 147 p., 80 estampas.
- DINIZ, A. CASTANHEIRA (1937) — *Características Mesológicas de Angola. (Descrição e correlação dos aspectos fisiológicos, dos solos e da vegetação das zonas agrícolas angolanas)*. Missão dos Inquéritos Agrícolas de Angola, Nova Lisboa, 482 p.
- DUPARQUET, CHARLES (1953) — *Viagens na Cimbebásia*. (Versão e prefácio de Gastão de Sousa Dias). Museu de Angola, Luanda, 188 p., 11 gravuras, 8 mapas.
- ESTERMANN, CHARLES (1956) — *Etnografia do Sudoeste de Angola. I volume — Os Povos não Bantos e o Grupo Étnico dos Ambôs*.

- 1.ª ed. Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 266 p., 1 mapa fora de texto, 91 fotografias.
- (1936) — «Forgerons (Les) Kwanyama». In *Bulletin de la Société Neuchâtoise de Géographie*. Tomo XLIV, volume II, pp. 109-117.
- (1934) — «Tribu (La) Kwanyama en face de la Civilisation Européenne». In *Africa*. vol. VII, n.º 4, pp. 431-443.
- ESTERMANN, CHARLES e COSTA, ELMANO DA CUNHA E (1941) — *Negros*. Livraria Bertrand, Lisboa, 208 p., c/ fotografias.
- FEIO, MARIANO (1966) — «A evolução do relevo da bacia endorreica do Cuanhama (Angola)», *Finisterra*, vol. I, n.º 1, pp. 33-59.
- FICALHO, CONDE DE (1947) — *Plantas úteis da África Portuguesa*, 2.ª ed. Agência Geral das Colónias, Lisboa, 303 p.
- GOSSWEILER, JOHAN (1953) — «Nomes indígenas das plantas de Angola», *Agronomia Angolana*, Luanda, n.º 7, 587 p., 106 fotografias.
- KEILING, LOUIS — «Cuanhama», *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. Ano II, n.º 18 (Dezembro de 1926), pp. 20-40; ano III, n.º 19 (Janeiro de 1927), pp. 138-163; e n.º 20 (Fevereiro de 1927), pp. 58-79. Com 14 gravuras.
- LEBRE, ANTÓNIO TAVARES (1934) — «Costumes gentílicos dos povos de além-Cunene», 1.º *Congresso Nacional de Antropologia Colonial*. 2.º volume. Edições da 1.ª Exposição Colonial Portuguesa, Porto, pp. 76-192, 34 fotografias.
- LOEB, EDWIN M. (1962) — *In Feudal Africa*. Indiana University, Bloomington, Indiana, USA, XXII + 383 p., 13 estampas.
- (Missão de Pedologia de Angola) (1959) — *Carta dos Solos de Angola — I — Distrito da Huíla*. Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 482 p., 1 mapa fora de texto.
- RUAS, OSCAR (1943) — *Estudo Prévio dos Aspectos Político e Económico do Problema do Abastecimento de Água ao Sul da Província da Huíla*. Imprensa Nacional, Luanda, 208 p., mapas e fotografias.

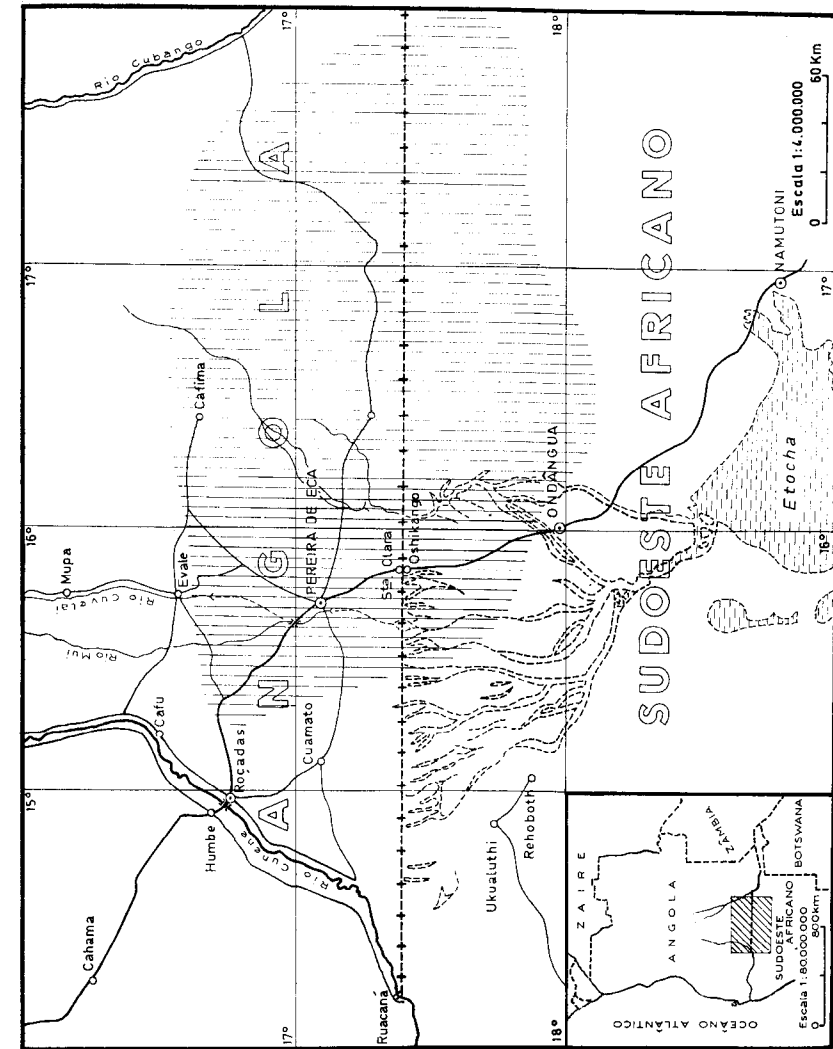
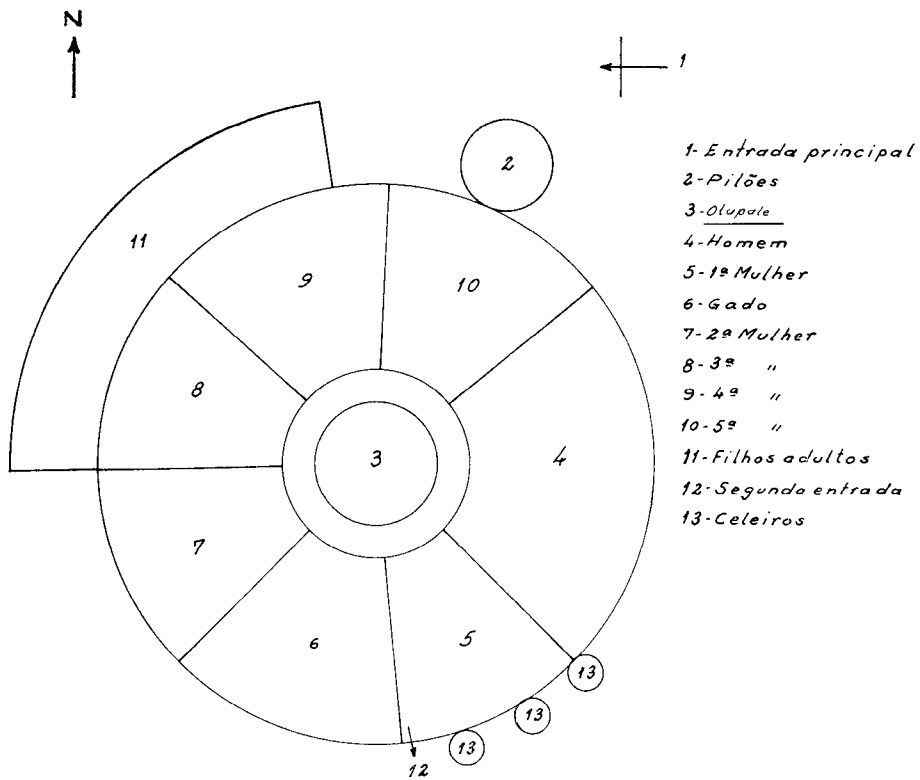


Fig. 1 — Área ocupada pela tribo Cuanhama.



ESQUEMA SIMPLIFICADO DE UM EUMBO CUANHAMA

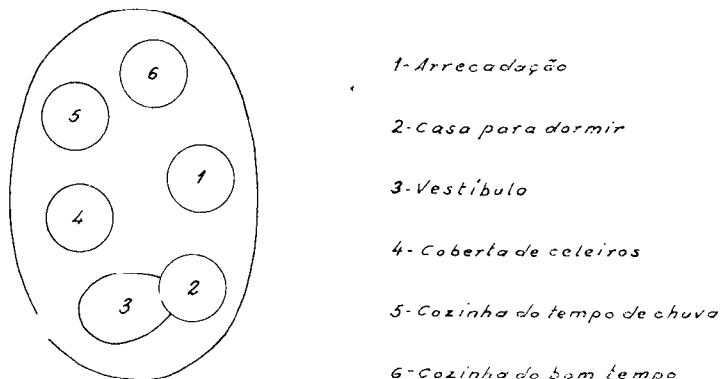


Fig. 2—Esquema de uma célula individual de um eumbo cuanhama.

EST. I, A—A entrada de Pereira de Eça (*Ondji-va*), uma palmeira de leque dá uma nota graciosa. O exemplar liga-se pela tradição ao último soba independente, Mandume: por vezes, quando pretendia desfazer-se de um súbdito incómodo, mandava-o subir à palmeira e abatia-o a tiro de carabina! A esquerda, no tronco, notam-se pontos escuros: são pequenas escavações para facilitar a subida. O ramo que se vê em primeiro plano, à direita, é de um *munhande*. Em plano médio, a copa de uma grande figueira.



EST. I, B—*Arimo* cuanhama, envolvendo um eumbo de tamanho médio: quatro esposas. O chão ainda tem canas de *massango* colhido, que o gado pasta. A árvore de grande porte é um *munhande*. Nota-se a paliçada de paus-a-pique que envolve o conjunto. Em frente, uma fiada de celeiros com coberturas.



EST. II, A — Um *eumbo* pequeno e novo, no início da época das chuvas. Já foi mexida uma pequena área. Chão nu, com raras canas de *massango* que o gado comeu. O material que forma a paliçada são simples ramos enterrados verticalmente, em vez de fortes paus bem cravados no solo.



EST. II, B — Debulhando o *massango* na eira. Duas das sete esposas do soba *Dimineni* (à direita) batem as espigas. No chão, mais espigas, em montes pequenos. Em primeiro plano, dois objectos de cestaria para deixar cair do alto o grão que o vento separa da palha. Em último plano, os estrados elevados sobre estacaria (*mutala*) cheios de espigas.



EST. III, A — A porta principal, cerimonial, *oñu*, aberta para nascente.
A direita, paliçada de paus-a-pique que fecha o recinto dos pilões.
Ao fundo, à esquerda, a copa de uma figueira.



EST. III, B — Vista principal de um *eumbo* grande: parte do espaço
comum das esposas além da segunda. Repare-se nas dimensões prati-
camente iguais de todas as construções.



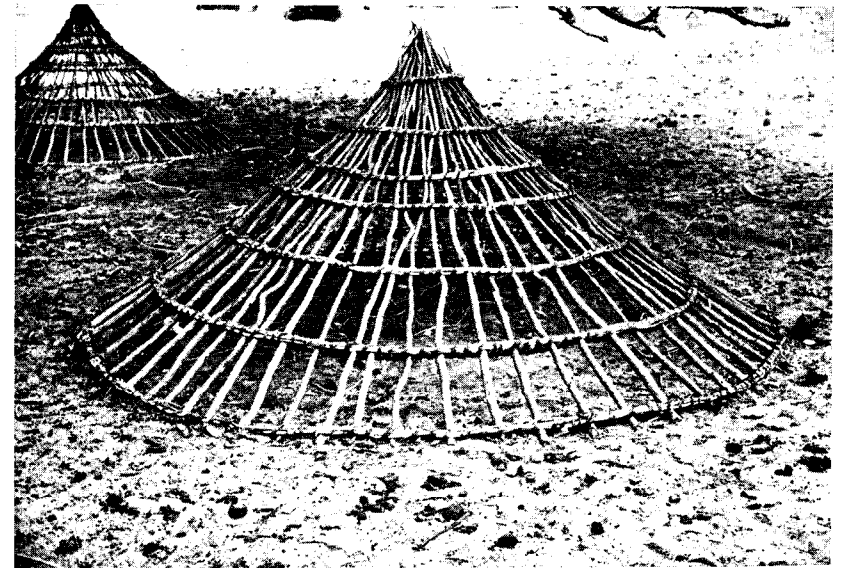
EST. IV, A — Um coberto, junto do corredor de entrada de um *eumbo*.
Notar o muro de paus-a-pique do agregado. Mais atrás, outro muro
de paus-a-pique, que pertence à cerca envolvente.



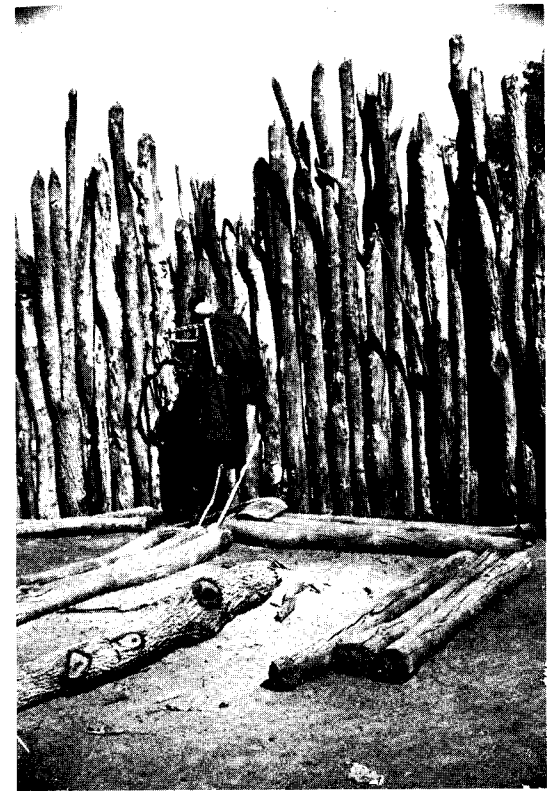
EST. IV, B — Aspecto interior dum *eumbo*. A direita, trecho do corredor
de entrada. Ao fundo, em frente do corredor, uma pequena parte de
paliçada envolvente, assim como no extremo esquerdo da fotografia.
Em primeiro plano, à esquerda, a casa de um filho solteiro.



EST. V, A — Pilões. Vêem-se quatro: três enterrados e um solto, onde se apoia uma mão-de-pilão; desta, a extremidade que bate é a que está em primeiro plano, servindo a parte mais larga de peso auxiliar. O pilão (ou almofariz, ou gral) que mais funciona é o da direita: está mais gasto. Os outros dois enterrados: um tem a tampa colocada e o outro não. O que não está enterrado mostra a sua constituição: um simples tronco escavado no cerne. Vê-se, ainda, uma pequena vassoura para varrer os detritos que saltam.



EST. V, B — A armação de uma cobertura: um cone de base muito larga e de pequena altura, formado de varas fixadas por aros (também de varas) que as envolvem a espaços regulares. E sobre esta armação que se amarra o capim ficando tal como se vê nas fotografias IV, A e B e VI, B.



EST. VI, A — Um trecho dum *olupale*. Reparar nos paus grossos, que terminam em ponta, os bancos de troncos deitados e dispostos em ferradura e c fogo aceso no meio desta.



EST. VI, B — Trecho exterior de um *cumbo*, vendo-se parte da paliçada exterior de paus-a-pique e a série de celeiros colocados fora daquela, mas encostados a ela, grosseiramente a sudeste do agregado.



EST. VII, A — Três canastros debaixo de um coberto. O homem que serve de escala tem cerca 1,80 m de altura.



EST. VII, B -- Vista parcial de um *eumbo* novo, de monógano. Dois pormenores importantes, indicando alterações: a cerca é mais simbólica que verdadeira, formada por ramos frágeis; na casa empregou-se o adobe para substituir o baixo pé direito de paus-a-pique; comparar com as casas das fotografias III, B e IV, A e B; as dimensões são aproximadamente as mesmas.